THESE

P. G.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

THESE

APRESENTADA Á

Faculdade de Medicina da Bahia

EM 31 DE OUTUBRO DE 1911

POR

Pery Guimarães

Natural do Estado da Bahia

Filho legitimo de Antonio Jacintho da Silva Guimarães

e D. Eulalia da Silva Guimarães

Afim de obter o Gráo

DE

DOUTOR EM MEDICINA

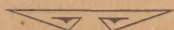
DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE MEDICINA LEGAL

Ligeiras considerações sobre as raças humanas

PROPOSIÇÕES

TRES SOBRE CADA UMA DAS CADEIRAS DO CURSO

DE SCIENCIAS MEDICO-CIRURGICAS

BAHIA

LITH. TYP. E ENC. GONÇALVES, TEIXEIRA & C.

3 — Praça Marechal Deodoro — 3

1911

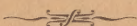
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

DIRECTOR — Dr. Augusto Cezar Vianna
VICE-DIRECTOR— . . . .
SECRETARIO—Dr. Menandro dos Reis Meirelles
SUB-SECRETARIO — Dr. Matheus Vaz de Oliveira

PROFESSORES ORDINARIOS

DOUTORES	MATERIAS QUE LECCIONAM
Manuel Augusto Pirajá da Silva . . .	Historia natural medica.
Pedro da Luz Carrascosa	Physica medica.
José Olympio de Azevedo	Chimica medica.
Antonio Pacifico Pereira	Anatomia microscopica.
José Carneiro de Campos	Anatomia descriptiva.
Manuel José de Araujo	Physiologia.
Augusto Cezar Vianna	Microbiologia.
Antonio Victorio de Araujo Falcão. .	Pharmacologia.
Guilherme Pereira Rebello	Anatomia e Histologia pathologicas.
Fortunato Augusto da Silva Junior .	Anatomia medico-cirurgica com operações e apparelhos.
Anisio Circundes de Carvalho	Clinica medica.
Francisco Braulio Pereira	Clinica medica.
João Americo Garcez Fróes.	Clinica medica.
Antonio Pacheco Mendes.	Clinica cirurgica.
Braz Hermenegildo do Amaral . . .	Clinica cirurgica.
Carlos Freitas	Clinica cirurgica.
Francisco dos Santos Pereira	Clinica ophtalmologica.
Eduardo Rodrigues de Moraes. . . .	Clinica oto-rhino-laryngologica.
Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira.	Clinica dermatologica e syphiligraphica.
Gonçalo Muniz Sodré de Aragão. . .	Pathologia geral.
José Eduardo Freire de Carvalho Filho.	Therapeutica.
Frederico de Castro Rebello	Clinica pediatrica medica e hygiene infantil.
Alfredo Ferreira de Magalhães . . .	Clinica pediatrica cirurgica e orthopedia.
Luiz Anselmo da Fonseca	Hygiene.
Josino Correia Cotias	Medicina legal
Climerio Cardoso de Oliveira. . . .	Clinica obstetrica.
José Adeodato de Souza.	Clinica gynecologica.
Luiz Pinto de Carvalho	Clinica psychiatrica e de molestias nervosas.
Aurelio Rodrigues Vianna	Pathologia medica.
Antonino Baptista dos Anjos	Pathologia cirurgica.

PROFESSORES EXTRAORDINARIOS

Egas Moniz Barretto de Aragão. . . .	Historia natural medica.
João Martins da Silva	Physica medica.
Pedro Luiz Celestino.	Chimica medica.
Adriano dos Reis Gordilho.	Anatomia microscopica.
José Affonso de Carvalho	Anatomia descriptiva.
Joaquim Climerio Dantas Bião . . .	Physiologia.
Augusto Couto Maia	Microbiologia.
Francisco da Luz Carrascosa.	Pharmacologia.
Julio Sergio Palma.	Anatomia e Histologia pathologicas.
Eduardo Diniz Gonçalves	Anatomia medico cirurgica com operações e apparelhos.
Clementino da Rocha Fraga Junior . .	Clinica medica.
Caio Octavio Ferreira de Moura. . .	Clinica cirurgica.
Clodoaldo de Andrade.	Clinica ophtalmologica.
Albino Arthur da Silva Leitão	Clinica dermathologica e syphiligraphica.
Antonio do Prado Valladares	Pathologia geral.
Frederico de Castro Rebello Koch . .	Therapeutica.
José de Aguiar Costa Pinto.	Hygiene.
Oscar Freire de Carvalho	Medicina legal.
Menandro dos Reis Meirelles Filho .	Clinica obstetrica.
Mario Carvalho da Silva Leal	Clinica psychiatrica e de molestias nervosas.
Antonio Amaral Ferrão Moniz . . .	Clinica analytica e industrial.

PROFESSORES EM DISPONIBILIDADE

Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira.	Dr. Sebastião Cardoso.
Dr. Deocleciano Ramos.	Dr. José Rodrigues da Costa Doria

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões exaradas nas theses pelos seus auctores.

CONSIDERAÇÕES

Desejando fazer um ligeiro estudo sobre as raças, pareceu-me não haver inconveniente em tratar desde a origem do homem, pois, desde que este appareceu, appareceu tambem a primeira raça. Em um capitulo *preliminar* dei uma idéa geral sobre a origem da vida, para assim estudarmos as raças começando pela vida; e em segundo logar tratei da origem do homem. A segunda parte dividi em cinco capitulos, assim ennunciados: 1.º Origem, formação e classificação das raças; 2.º Evolução; 3.º Decadencia; 4.º Meios de purificar; 5.º Que serão as raças do futuro?

As idéas que dou no correr da descripção parecerão, com certeza, absurdas, entretanto, é o que penso a respeito.

Por isso, quem se der ao fastidioso trabalho de ler a minha these de doutoramento, não encontrará revelações scientificas e sim opiniões de alguns scientistas e minhas sobre um assumpto muito extenso, e de que muito superficialmente procurei dar uma idéa vaga. Com essas palavras quem a ler pois, será naturalmente indulgente.

P. G.

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE MEDICINA LEGAL

Ligeiras considerações sobre as raças humanas

I PARTE

CAPITULO I

Origem da vida

Deixando de parte a *theoria religiosa* tão implantada no espirito das gerações, sobre a origem do mundo, pois pensando do mesmo modo que Hœckel, *achamos irracional e destituido de senso, julgar-se que um Deus immaterial, tirou do nada um mundo material*, consideramos o mundo de accordo com Laplace e Kant, como originado da nebulosa central, e, como elle, todos os outros mundos.

Desse modo estudaremos a vida em seu inicio para depois então estudarmos os que vivem.

Vida !

Conjuncto de manifestações de todos os orgãos—essencia pura que brota pujante e forte affrontando a sciencia e a sagacidade humana—

poder extraordinario que tem atr vessado tantos seculos sem que se mostrasse à humanidade— vida—nada mais és que a transformação da morte, assim como a morte é a transformação da vida!

Para o homem e todos os animaes e vegetaes pluricellulares, a vida seria *uma agonia da materia*, pois, si nada se perde nem nada se crêa na natureza *(Lavoizier)*, desde que cessaram as manifestações vitaes nesse ou naquelle, necessariamente a materia, reunida em orgãos e que nessa occasião perde os direitos de vida que tinha, era que sustinha esse equilibrio, para que podesse manter as propriedades de que era dotada.

Trata-se entretanto ahi de um conjuncto, mas tambem uma cellula vive e morre, isto è, uma cellula tambem tem suas propriedades e suas manifestações; no primeiro caso a vida é uma vida de apparelhos ou de elementos que trabalham para se manter; no segundo è simplesmente de um elemento que procura a manutenção de uma propriedade anteriormente adquirida.

Kant pensava que a vida seria um principio interior de acção, e como, nesse caso, toda e qualquer relacão com o meio exterior não tivesse logar, todo o valor da definição se perde na propria definição.

Na verdade; si a vida fosse só um principio interior de acção, as suas relações com o meio exterior, isto é, com o ambiente, não existindo,

estaria de encontro á biologia, pois hoje sabemos as relações intimas existentes entre os meios interiore exterior.

Claude Bernard, considerando que para haver vida é necessario que tenha havido uma organisação, seguindo-se uma geração, e a esta uma evolução, e todo ser vivo se nutrindo tende a evoluir, e a evolução chegada a seu termo tem como consequencia a morte, concluiu que *a vida è a morte.*

Poder-se-ia dizer, sem querer tirar conclusões tão forçadas, que a vida ahi seria o conjuncto dessas manifestações ou propriedades. *Blainville* foi quem deu uma das melhores definições sobre a vida: seria um movimento interior duplo de composição e decomposição geral e continuo.

Augusto Comte, o grande e immortal Augusto Comte, o fundador da philosophia positiva, um dos maiores philosophos que a humanidade tem conhecido, acha incompleto o pensamento de *Blainville*—E' preciso que seja dado o organismo com o meio apropriado.

Ora, havendo um equilibrio do meio exterior com o meio interior e interiormente um movimento continuo de composição e decomposição, haverá esse conjuncto de manifestações a que chamamos vida.

V. Milieu define a vida como sendo a actividade da economia collocada em certas condições de meio, especiaes para cada especie de organimos; para elle todo ser, por mais simples que seja,

desde que apresente uma organisação e que esteja em um meio apropriado, nutrir-se-à, e a nutrição é o primeiro caracter da vida.

A vida è assim tão difficil de definir que melhor seria não definil-a.

Já tendo uma ligeira idéa do que seja a vida, resta-nos saber, como propoz *Helmholtz*, si ella existe desde toda a eternidade, ou se começou em um momento dado.

Innumeras theorias se apresentaram para explicar a origem da vida e os diversos phenomenos que se passam em sua evolução.

Não as descreveremos porque seria longo e um pouco fora do nosso proposito; citaremos as principaes, deixando por ultimo a que nos parece mais acceitavel, não sò pela sua base scientifica, como tambem por ser a mais racional, explicando-nos sem superstições nem crenças religiosas um assumpto que por si já se vae tornando inexplicavel.

Epheso procurando entre os phenomenos da natureza organica o que melhor se assemelhasse á vida, achou que ella se assemelhava a uma chamma.

Vemos pois, que desde a antiguidade esse assumpto interessava os philosophos.

Milhares de annos depois Max Verworn aplaudindo a idéa de Heraclito, estudou desenvolvidamente aquillo que este pensava.

Transcrevo de Hœckel as suas palavras—«A

comparação do phenomeno vital com uma chamma, serve para tornar evidente a relação entre a forma e as trocas. A figura de borboleta que toma uma chamma de gaz acha-se differenciada de um modo caracteristico. Na base immediatamente por cima da abertura ha obscuridade completa; acima encontra-se uma zona azul, de pouco brilho; dos dois lados alarga-se em azas a superficie brilhante de combustão plena. Esta forma tão caracteristica, que permanece constante em quanto não se modificam a posição da torneira e as condições do meio, deriva simplesmente de que, embora a cada instante as molleculas mudem, em cada ponto da chamma, o agrupamento das molleculas de gaz de illuminação e de oxygenio se conserva sempre o mesmo. Na base da chamma as molleculas de gaz estão ainda tão apertadas, que o oxygenio necessario á combustão não pode penetrar entre ellas; por isso ficam obscuras.

Na zona azulada algumas molleculas de oxygenio conseguiram já misturar-se com as do gaz; a luz ahi é baça. Na grande chamma, a relação numerica entre as molleculas de gaz e de oxygenio é tal que ha combustão viva. As trocas entre o gaz e o ar estão reguladas de forma que no mesmo ponto se encontra sempre o mesmo numero de molleculas de cada especie; donde resulta que a forma da chamma, com as differenciações, permanece constante. Si modificarmos a corrente, deixando escapar menos gaz, a forma da chamma

altera-se porque se alterou a relação numerica entre as molleculas do gaz e do oxygenio. Assim, o estudo da forma de uma chamma de gaz offerece-nos, até nos pormenores, as mesmas relações que já observamos na constituição da forma da cellula.»

Luiz Agassiz considerou a vida como um mechanismo qualquer; é a chamada theoria mechanica, a qual assenta em um fundo religioso.

Desde os tempos mais antigos que os philosophos e todos os que se occupam com as sciencias naturaes procuram saber a origem da vida. Formou-se o mundo, existe mar, terra, existem os homens, existem os vegetaes e vivem todos, tudo vive e morre sem entretanto se saber como se iniciou a vida daquelles de quem se originaram.

Darwin e Wirchow pensam que nada se poderá saber a respeito da origem da vida

Em parte parece que têm razão; as theorias que antigamente eram tão bem recebidas e consideradas como sufficientes para explical-a, hoje nada valem, merecendo outras modernas a nossa attenção. Poucos annos mais, e essas que hoje achamos razoaveis, sinão boas, serão por nós mesmos regeitadas, fazendo com que nos admiremos de já se não terem observado os absurdos que continham.

Até hoje a theoria que podia satisfazer era a theoria theologica pois, attribuindo tudo a um Deus milagroso, todas as argumentações se per-

dem de encontro a sua couraça dogmatica e sobrenatural. Foi assim que Luthero, o grande reformador da Idade Media, em seu *credo* attribuindo a esse Deus a creação da vida, disse: «Creio, que Deus me criou, assim como a todos os seres, deu-me corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros, razão e sentidos.»

Veja-se que absurdo !

Luiz Agassiz defendeu o dogma de Luthero, sendo entretanto nessa epoca, 1858, publicados os memoraveis trabalhos de Darwin que derrubaram por completo essa crença que já se sentia entranhada no cerebro humano.

Mesmo assim Wigand e Reinke ainda procuraram defender Agassiz e Luthero.

Não tanto credulos como elles, Wigand e Reinke pensavam que esse Deus, cujo poder Luthero proclamava, creara apenas cellulas primordiaes que, gozando de vida, naturalmente cresciam, nutriam-se, etc., sendo que Wigand sustentava a creação de uma cellula para cada especie e Reinke uma para cada ramo.

Si acreditarmos nesse poder de Deus a que acima nos referimos, essas duas hypotheses merecem ser consideradas como satisfactorias, pois, existindo essa cellula já dotada de vida que começou quando a vontade divina assim o quiz, fica sub entendido que esta se originou do poder de Deus, dando logo a differenciação entre as primeiras cellulas; entretanto como para o lado scientifico não

tem a menor base de argumentçaão, estudemos outras supposições já que essas nada explicaram.

Richter suppunha que todo o espaço se achava cheio de germens de vida organica e de corpos anorganicos que sempre se transformavam e desappareciam.

Esses germens achando um planeta cujas condições de temperatura e humidade lhes fossem favoraveis progrediriam; desse modo Richter admitte não só a eternidade da vida organica como anorganica.

Fechner e Preyer admittem a eternidade de uma vida sem distincção de organica para não organisada.

Como as doutrinas de Wigand e Reinke, as de Fechner e Preyer têm por alicerces a crença theista tão barbaramente aferrada ainda ao espirito do investigador.

Vejamos então, como devemos explicar a origem da vida?

Segundo a lei de Kant e Laplace, da nebulosa primitiva, em vibração por effeito de sua força centrifuga, se desaggregaram milhares de globos, que dotados de sua força propria continuaram em movimentação.

Esses globos que estavam em estado incandescente foram depois tomando outras propriedades,não só de materia como tambem de força. Essas duas leis são a de Roberto Mayer e Helmoltz, ou lei da conservação da energia, que se

traduz: «*a energia no mundo constitue uma quantidade constante e immutavel*, isto é, quando uma força se suppõe diminuida ou desapparecida, não soffreu sinão uma transformação em outra, e a de Lavoizier ou da conservação da materia *nada se perde nem nada se crêa na natureza*, um corpo quando desapparecido ou diminuido, quer por effeito de uma combustão, ou de nova crystallisação, mudou somente de combinação ou de forma.

Essas duas leis se reunem constituindo uma unica fundamental, isto é, a lei da conservação da substancia, pois, a força e a materia são simples manifestações da substancia; e, si a força e a materia não são mais que simples manifestações da substancia, é claro que *todas as manifestações da natureza, quer organica quer anorganica, são producções differentes de uma unica força primaria, e combinações differentes de uma unica materia fundamental que representa a substancia.*

Todo o espaço comprehendido entre os pequenos globos que se desprenderam da nebulosa primitiva acha-se completado pelo ether universal.

A substancia unica é formada por atomos que são particulas elementares tendo força de attracção e repulsão; esses atomos achavam-se espalhados em toda a immensidade do ether; esse ether, vibratil, produz por suas vibrações transversaes a luz, o calor, a electricidade e o magnetismo.

P. G.

Representavam esse ether ou como uma substancia continua ou como um composto tambem de atomos, que contrariamente á materia ponderavel possuia força de repulsão, não sendo entretanto acceita essa ultima hypothese.

A differença então do ether e da substancia seria, segundo Hœckel—o ether—espirito, movel e activo, de capacidade vibratoria, tendo como funcções electricidade, magnetismo, luz e calor, estructura dynamica, acção do espaço universal; a substancia—corpo inerte e passivo, de força de inercia, tendo como funcções gravidade, inercia, affiinidade electiva chimica, estructura atomica, substancia descontinuá, não elastica, composta de atomos, effeito da condensação do espaço.

Desprendidos os diversos globos da nebulosa central, continuaram em movimentação constante no espaço; estando porém em ignição, a temperatura foi de extremamente alta, milhares de graus talvez, baixando até chegar a temperatura da condensação da agua. Nessa occasião então formar-se-ia a substancia primitiva, resultante de uma *condensação do espaço*, e agua resultando da combinação de duas molleculas de hydrogenio com uma de oxygenio.

A agua junto aos atomos da substancia primitiva, atomos que já dissemos, gozariam de uma affinidade chimica, reunil-os-ia a elementos de carbono que se encontrariam na Terra, dando logar á formação de uma substancia albuminosa

que hoje chamamos protoplasma, ahi então começando a vida.

Esse protoplasma que seria o primeiro elemento dotado de vida. recebeu o nome de *Monera*, que não sendo provida de nucleo, continuava, devido a reacções chimicas que se passavam, não só pela evolução do meio, como tambem pelas propriedades de seus atomos, a evoluir differenciando-se então de seu centro, uma parte mais densa que seria depois o nucleo, ficando constituida a primeira cellula; ou então, formar-se-ia uma primeira substancia albuminosa, o *plasma*, e dessa substancia dar-se ia, devido a reações chimicas, ou talvez pela reproducção, a differenciação em duas substancias identicas=o protoplasma e o nucleo.

Dubois-Reymond pensa que a passagem da materia morta para a materia viva é cousa inexplicavel, constituindo um dos sete enygmas do universo.

Esta cellula, nutrindo-se, crescendo e se multiplicando, daria logar á formação das diversas variedades de cellulas que depois constituiriam as diversas especies da natureza.

Remy Perrier diz que esses elementos que Hœckel chamou *moneras* e que considerava como não tendo nucleo, nunca existiram sem elle; si não se observava o nucleo era porque a substancia nuclear se achava misturada com o protoplasma sem se ter condensado em um só grupo.

Hœckel sustenta a existencia ainda dessas cellulas sem nucleo; diz elle que ha trinta ánnos observou um organismo semelhante aos rhizopodos, ao qual denominou protomyxa auran, tiaca distinguindo-se delles porém pela falta de nucleo.

Em outras *moneras* anteriormente descriptas, observaram depois a existencia de um nucleo pela condensação do protoplasma. Concluiram então que em todas as *moneras* o mesmo se daria. Hœckel contesta dizendo que entre as baterias algumas ha que não contém nucleo.

Remy Perrier condemna mais uma vez, dizendo que todos os bacteriologistas estão accordes em que, quando não se observa a primeira vista o nucleo de uma bacteria, é porque está espalhado em pequenas granulações pela massa protoplasmica.

Hœckel rebate ainda esta argumentação— Reink estando em contradicção com elle, procúrou entre as bacterias a *beggiatoa alba* não encon trando nucleo; Schaudinn, em experiencias mais recentes, diz que nas bacterias que não se encontraram nucleos, elle havia encontrado pequenos granulos espalhados pelo protoplasma, granulos que se coravam pelos mesmos reagentes do nucleo. Hœckel entretanto diz que ainda mesmo demonstrada a identidade desses granulos com o nucleo, e que podessem ser considerados como um primeiro estadio de differenciação de um

nucleo, não fica por isso provado que se trate de verdadeiros orgãos independentes.

Considerando porém que uma cellula formada por protoplasma e nucleo, não é um elemento primitivo, (Hœckel) pensamos que podemos admittir a formação de uma *Monera* primitiva, a qual, nas condições que já descrevemos, daria por sua evolução a formação de cellulas. Essa *monera* que existiu devido ás condições do meio de então, não mais appareceu sob forma tão rudimentar; dahi então todas as reproducções dariam cellulas com protoplasma e nucleo, pois não só iriam se dando reacções chimicas no seio dessa *monera*, como tambem o meio iria se modificando pela evolução da materia que o compunha e pela acção da força centrifuga que nelle se operava, resultante ainda de sua desaggregação da nebulosa central, o que nos prova a constituição do nucleo, o qual é formado por uma substancia analoga ao protoplasma, donde o nome de nucleoplasma.

Foi a melhor hypothese que nos pareceu para explicar a origem da vida.

Ainda outras theorias ha que merecem ser mencionadas; entre ellas destaca-se a theoria autogonica que, salvo pequenas cousas, é igual a que acabamos de mencionar.

Ella baseia-se em oito principios assim ennunciados: «1.º a vida organica encontra-se sempre ligada ao protoplasma. 2.º os movimentos que caracterisam essa substancia são processos physicos e chimicos que se dão entre a ebullição e

á congelação da agua. 3.º fóra dessa temperatura, poderá viver, porém muito pouco tempo ficando em estado de morte apparente. 4.º a Terra e todos os demais planetas, tendo durante muito tempo só estado em temperaturas extremamente altas, devido a se acharem em ignição, a vida de organismos taes seria impossivel. 5.º chegada, porém, a temperatura appropriada houve condensação d'agua, e então começou a vida. 6.º por destruição de certas combinações chimicas formaram-se então albuminoides que constituiram o plasma 7.º esse plasma seria o primeiro organismo vivo-*moneras*. 8.º dessa *monera* então originaram-se as primeiras cellulas por differenciação de um nucleo e de um corpo peripherico-o-protoplasma».

Uma outra theoria, até ha pouco tempo quasi abandonada, a geração expontanea, ultimamente chama attenção do mundo scientifico.

O professor *Bastian* de Londres acaba de obter a formação de corpos dotados de vida, com propriedades nutritivas e reproductoras, á custa de tres substancias principaes collocadas em um tubo hermeticamente fechado com agua distillada e fervida, mantendo-os a uma certa temperatura e á acção da luz vermelha etc.

O governo inglez nomeou immediatamente uma commissão para estudar as experiencias do professor *Bastian*, e essa commissão, naturalmente composta de homens competentes, elucidará o assumpto que será talvez destruir o velho dogma *omnis cellula e cellula.*

CAPITULO II

Origem do homem

Si ha um assumpto em sciencia, cuja importancia deva chamar attenção de todos, a origem do homem é, sem duvida, um daquelles que mais tem preoccupado os scientistas.

Os maiores sabios dos seculos sempre se têm dedicado com enthusiasmo à grande tarefa de descobrir a origem do homem. A primeira vista, ou a primeira idéa, parece impossivel a explicação de um facto, aliàs tão natural, mas que quasi sempre é considerado como inexplicavel.

Em nosso meio, e no Brazil inteiro, onde o catholicismo existe em grande escala, e onde os dogmas religiosos têm exercido sempre uma influencia completa sobre o cerebro humano, o desenvolvimento das doutrinas de Darwin não acha apoio senão em uma parte do grupo scientista.

Tenho visto muitas pessoas de educação elevada, cujos meritos intellectuaes estão acima de qualquer critica que, não obstante conhecerem as sciencias naturaes, não podem admittir que a

creação do homem não tenha sido obra divina; entretanto quando se lhes oppõe uma argumentação forte a que não podem responder, limitam-se a dizer: «não sei—não quero saber de nada—está nas escripturas ! ! », ou outra cousa qualquer que denota, não ignorancia, mas, convicção e temor, por idèas que desde a mais tenra idade lhes foram implantadas como essenciaes ao conhecimento de todos !

Este estudo interessando tanto á sciencia como á humanidade, comquanto bastante adeantado, não goza ainda do triumpho que lhe è devido; nos proprios centros de instrucção superior ainda ha quem considere o transformismo uma invenção ou phantasia como outra qualquer, sem fundamento, sem verdade, sem razão de ser !

Si a sciencia nada consegue, si todas as observações e estudos feitos nesse sentido nada valem, descreiam então de tudo que existe e que è natural, para crer no que não existe e é sobrenatural. Quero crer que mais cedo ou mais tarde desapparecerà semelhante modo de pensar, e a idéa scientifica triumphará da idèa religiosa.

Lamarch, Charles Darwin e muitos outros estudaram este problema dando-lhe no seculo XIX uma solução mais ou menos satisfactoria. Assim pois, está completamente afastada de nosso pensamento toda e qualquer theoria suggestiva, baseada em dogmas, cujo valor é incontestavelmente nullo.

Veremos as hypotheses que se aventaram, e depois de um ligeiro estudo sobre algumas dellas, ahi então mostraremos a que nos parece mais racional, de accordo com o que têm dito os philosophos e naturalistas, cujos estudos demonstram clara e evidentemente a verdade nascida do transformismo.

Fazendo-se um estudo comparativo entre os diversos animaes e o homem e mostrando-se as relações existentes entre elles, não podemos collocal-o em uma especie á parte.

As condições do meio, dissemos no começo de nossa descripção, tratando da origem da vida, têm o principal papel nas manifestações da vida, desenvolvimento etc.

A monera primitiva que evoluiu pelas condições do meio até os vertebrados superiores, continuou naturalmente essa evolução, dando transformações successivas até chegar ao homem.

Em um seculo em que as sciencias se acham tão adeantadas, não pode o apparecimento do homem na Terra ser attribuido a uma vontade divina.

Assim, pois, deixando de parte as outras convicções, tomamos como mais racional a doutrina de Darwin, ou o transformismo.

O homem descende de uma forma inferior que chegou a sua, evoluindo por transformações successivas—esta forma inferior é o macaco.

As poucas differenças existentes entre elle e

os macacos superiores, quer anatomica quer physiologicamente, o collocam no mesmo grupo dos simianos, na classe dos catharrineos, e ordem dos anthropomorphos.

Por que razões se ha de considerar o homem como não pertencendo á mesma classe de outros animaes, que lhes são em tudo semelhantes?

Porventura o homem é tão perfeito para que se queira collocal-o acima de toda a creação?

Absolutamente não—o homem vive como vivem os outros animaes.

Si as suas manifestações, isto é, si seu modo de vida é superior ao dos outros animaes, quer em sua essencia, quer em sua psychologia, isso é pura e simplesmente devido ao meio, á evolução ao costume e á educação. Lamarck em sua classificação reuniu o homem aos vertebrados geraes; Linneo collocou-o na classe dos mamiferos na ordem dos antropomorphos.

Esses antropomorphos, ou animaes com forma de homens, tambem chamados primatas comprehendem os lemurianos e os simianos.

Tendo o homem todos os caracteres dos mamiferos, Blumenack e Cuvier, na impossibilidade de consideral-o como de outro grupo, dividiam os primatas ou antropomorphos em quadrumauos e bimanos; quadrumanos os lemurianos e simianos, e bimanos o homem. Ora, a estação vertical não é propria somente do homem: o gorilla, o orango e o gibbon podem tambem apresental-a ficando

desse modo sem valor a classificação de Blumenack.

Ultimamente os naturalistas firmaram a classificação dos primatas em dois grupos; Simiæ e presimiæ.

Os prosimiæ comprehendem os lemurianos e os Simiæ, tambem donominados pithecos,—os macacos.

Estes se dividem em macacos de nariz chato ou platyrrinæ e macaco de nariz estreito ou catarrihiniæ.

Os catharriniæ por sua vez: cynopithecos ou macacos ainda providas de uma cauda, e antropomorphos—macacos com 32 dentes tendo a forma humana; nessa ordem dos antopomorphos então acha-se o homem collocado no cimo da escala.

Hœckel nesse grupo considera as seguintes variedades:

Hylobatas, satyrus, pliopithecus forma já extincta, gorilla anthropitecus, dryopitecus, tambem extincta, pithecantropus tambem extincta e homo.

Entre o homem e os dryopithecus está o pithecantsopus que é variedade intermadiaria.

Tem-se objectado, e com alguma razão, que a doutrina de Darwin, ou doutrina transformista não explica de um modo satisfactorio a passagem dessas formas inferiores para o homem.

Incontestavelmente tinha algum valor essa

argumentação, maximé, para espiritos meio obseccados pelo fanatismo imperante.

Não se tinha podido dizer como, devido a que, e quaes as formas de passagem que a vida tomou em suas manifestações para chegar ao genero humano, especialmente entre elle e os macacos.

Eugenio Dubois em 1894 em Java, descobriu os restos de um animal ao qual deu o nome de pithecantropus erectus, attribuindo-lhe a forma de passagem para o homem.

Na serie genealogica estabelecida por Hœckel, o pithecantropus occupa o 29· lugar entre os anthropoides, macacos sem cauda e de comformação humana, e os hominis, ou animaes dotado de palavra.

O pithecantropus erectus, ja anteriormente previsto por Hœckel e designado simplesmeute por pithecantropus, compunha-se de restos de um animal: caixa craneana, dentes e femur isto é, restava apenas deste animal que se denominou pithecantropus erectus, uma caixa craneana, com dentes e um femur.

A descoberta desses restos humanos ou simios, segundo as diversas opiniões, provocou um congresso em Leyde em que os mais afamados naturalistas discutiram a sua origem, concluindo que o pithecantropus seria a forma de passagem entre o homem e o macaco. Duas razões principaes levaram esses naturalistas a suppor no pithecantropus a forma intermediaria: a confor

mação do femur igual a do homem e o tamanho, relativamente grande, da caixa craneana, maior do que a de todos os outros antropoides conhecidos menor do que a do homem.

Em media podemos avaliar a capacidade craneana do pithecantropus como equidistante da do homem e dos anthropoides.

Dentre aquelles que contestaram o valor do pithecantropus, Wirchow representa o principal papel; para elle os restos encontrados pertenceriam a animaes differentes, o que provaria uma hyperostose do femur, pois, só o homem poder-se-ia, neste caso, se curar, devido aos muitos cuidados que teria.

Marsch, entretanto, refutou as proposições de Wirchow, mostrando varias exostoses sobre femurs de macacos selvagens, os quaes naturalmente não teriam cuidado com a enfermidade.

Não satisfeito, Wirchw procurou, estudando o craneo encontrado, ver alguma cousa que lhe podesse certificar de que os outros naturalistas se enganaram; notou então que entre o bordo superior das orbitas e a aboboda craneana do pithecantropus, existia um sulco que não se encontra no homem, o que provaria ser de um simiano o craneo.

Nehring, em um craneo brasileiro importado de Santos, observava o mesmo que Wirchow reputava como especial aos macacos. Wirchow considerava que o homem tanto podia descender do

macaco, como do carneiro ou do elephante, e, coma sua autoridade respeitada por todos os sabios de então, affirmava que o homem não é descendente do macaco.

Pensamos que o transformismo é uma realidade, e que de todas as opiniões, essa é mais acceitavel.

Não podemos admittir que o homem tenha apparecido pela vontade de um Deus, que o tirou «a sua semelhança do barro e que das costellas desse primeiro homem tirasse então a mulher.»

Isso é irrisorio, pois seria imbecilidade cuidar-se do barro antes de um ser vivo!

Temos visto as diversas transformações da vida, manifestadas em sua evolução e na do meio.

Si, como admittimos no principio de nosso estudo, a vida teve origem devido a certa adaptação de condições mesologicas, e si ella evoluiu de modo tão consideravel, qual a razão dessas mesmas condições não serem sufficientes para continuar a sua evolução, amoldando-se uma á outra evolução essa que, elevando-se cada vez mais, chegaria ao homem?

Nada explica semelhante duvida.

Taes condições não trouxeram a differenciaçãodos homens que, *provindo de uma origem*, differenciaram-se a ponto de chegar ao que hoje somos?

Não temos as provas nas diversas especies de

raças e nos differentes typos que nellas se encontram ?

Procuraremos demonstrar ligeiramente porque acreditamos no transformismo. Estudando comparativamente a anatomia dos primatas, Huxley concluiu que as differenças morphologicas que separam o homem dos anthropoides, são menores do que as existentes entre êstes e os outros catharrineos.

Hœckel denominou essa formula como lei do pithecometro de Huxley. Bischoff diz que toda fissura e prega cerebraes do homem têm analogas no cerebro do orango-tango. Desde o estado embryonario que as semelhanças do homem com os macacos è notada; é por essa razão que Baer, estudando a evolução desse embryão, diz: «as patas dos lagartos e dos mamiferos, as azas e as patas das aves e as mãos e os pés do homem, derivam de uma mesma forma fundamental.»

A physiologia e a anatomia comparadas demonstram a semelhança nas duas especies.

O encephalo entre nós, quer em sua forma exterior, quer em sua estructura intima, differe muito ligeiramente do dos anthropomorphos. Os antropoides têm em seu cerebro todos os orgãos que possue o do homem, havendo somente differença de quantidade. As funcções physiologicas são identicamente observadas. Uma das cousas que mais se oppunham a origem transformista do homem, era a existencia da alma—era impossivel que a alma humana proviesse do macaco.

Ora, em primeiro logar, as idèas que esses naturalistas (si é que assim se podem chamar) tinham sobre a alma, eram dogmaticas, assentadas em um fundo religioso. Era uma verdadeira idèa dualista, fazendo dessa alma um *ser* extranho a composição desse homem, alma essa que seria immortal.

Não sendo de nosso proposito fazer um estudo psychologico sobre a alma humana, somos entretanto levados a combater esse modo de pensar: *Alma è cousa que não existe.*

Um organismo unicellular vive, nutre-se, reproduz etc., sem que se lhe attribua uma alma tambem, que lhe provoque essas propriedades.

Os organismos pluricellulares tambem gozam das mesmas propriedades e de outras, fornecidas pelo conjuncto desses mesmos elementos. A intuição das cousas penso ser dada a todos os animaes, sem distincção, sendo que uns a têm mais aperfeiçoada por certas e especiaes condições, outros menos, e alguns em estado muito rudimentar.

Uma ave que ouve um tiro, um ruido qualquer, provocado por pessoas ou outros animaes, foge, ou por um receio, ou por um instincto de defeza, ou covardia porque se reconhece mais fraca. Uma ave canta, e canta as vezes cantos tão sonoros, tão ternos, tão arrebatadores, que commoveriam um leão em pleno deserto, mas essas aves, prezas, recusam-se muitas vezes a cantar, comprehendendo talvez a sua situação. A vacca que

ouve ao longe o mugido do filho, corre a protegel-o contra as mãos perseguidoras acariciando-o depois. O cão, amigo, o fiel companheiro do homem, procura o seu dono, livrando-o ás vezes de perigos imminentes; conhece a caça ao longe pelo simples *faro* deixado pela sua passagem; geme, grita, chora, conforme as emoções que experimenta, dando entonnações a sua voz que bem caracterizam os seus sentimentos.

E' assim que se observa o latido de impaciencia na caça, de colera, de desespero, de goso e de supplica.

O proprio burro desmente o nome que lhe deram, pois tem a comprehensão do perigo que corre, se passar onde depara um obstaculo e nada o obriga a proseguir.

As impressões do bello tambem se encontram em outros animaes—as aves offerecem um exemplo. Quantas della não ha, que espalham sua opulenta plumagem mostrando expressão de jubilo e admirando-a ao mesmo tempo em presença de uma femea! ..

Finalmente em todos os animaes, se observa essa noção das cousas que se traduz pelas manifestações varias que observamos em seu modo de vida.

O homem goza, porém, dessas propriedades em gráo mais elevado: é ao conjuncto dellas e de outras que se deveria chamar alma humana.

Nesse caso os animaes outros tambem teriam

uma alma a qual representava a sua personalidade psychica; e como absolutamente não se admitte uma alma immortal a um cão ou outro animal, não podemos acreditar que exista essa alma no homem, cuja organisação, já dissemos, è igual a dos anthropoides geraes. Essa alma, por alguns admittida como certa é o rezultado de um equilibrio entre combinações chimicas; essa personalidade sobrenatural e immortal para uns é tão susceptivel de se destruir, como é facil parar o funccionamento a um mechanismo, ao qual se retirem os elementos que o impulsionam; não passa de uma das manifestações da vida, a qual será tanto mais aperfeiçoada quanto for o seu gráo de evolução, as condições inherentes ao seu meio e a educação que lhe tiverem dado.

Assim pois, a argumentação tão formidavel que se oppunha a theoria do transformismo, perde o seu valor pois se apoia na immortalidade da alma que presuppõe sua existencia.

Estudando o desenvolvimento do embryão, comparativamente entre o homem e os anthropoides e observando a analogia que existe em suas phases, Huxley dizia com a sua formidavel competencia «a origem e as phases primarias do desenvolvimento humano são identicas á dos animaes que na serie zoologica lhe ficam immediatamente superiores.»

Dentre todas as argumentações para combater a doutrina transformista, destacam-se as faculdades

mentaes. Ora, não resta a menor duvida que da intelligencia humana para a de outro animal qualquer ha uma differença enorme; comparemos mesmo os mais elevados da escala zoologica com os menos elevados dos homens e, mesmo assim, é tão grande a differença, que os descrentes têm razão em não acreditar no transformismo! Entretanto essa differença, que á primeira vista é de modo a quasi justificar essa maneira de pensar, perde grande parte de seu valor, se estudarmos minuciosamente. A voz, isto é, a linguagem articulada, é citada como uma das mais terriveis demonstrações anti-transformistas.

A linguagem não é propriedade especial do homem.

Estudando a serie animal observamos, como por exemplo as aves, alguns que são dotados della. O canto das aves, innegavelmente é a sua linguagem: si fizermos um estudo comparativo entre ellas e os homens observamos que nellas existem algumas, cujo canto tem entonações variadissimas e outras em que a voz é representada apenas por um tom, possuindo embora orgãos vocaes semelhantes.

Parece ser evidente que o habito das primeiras de educar a sua voz, é que lhes da essa verdadeira linguagem, que lhes proporciona esse canto admiravel com que tanto nos encantam o rouxinol e outros cantores das selvas. A hereditariedade, reunida ao aperfeiçoamento educativo,

dá esse resultado. Isso prova que, assim como entre nós, existe tambem entre as aves essa variedade de expressão de linguagem, a que chamamos *linguas ou dialectos* entre os homens, e que entre ellas é o canto proprio de cada especie.

Esse canto não poderá ser considerado como um inicio de linguagem, isto é, como uma phase para a transformação dessa propriedade nos seres inferiores?

Naturalmente sim; e mesmo vê-se geralmente que, com uma educação bem administrada durante um certo tempo, algumas aves chegam a possuir verdadeira linguagem articulada.

Certamente não se vae suppor que fallam com a mesma facilidade e expressão natural, com que fallamos, mas, para *aves* já é muito, e esse muito demonstra que, evcluindo, chegará a perfeita linguagem articulada.

Que será o latido dos cães sinão a sua linguagem?

Não ha tantos dentre elles que, educados para caça, quando a descobrem, gritam, sendo esse grito, caracteristico de descoberta da preza?

Quando uma dor qualquer os martyrisa, não os vemos gemer, mas, gemidos às vezes tão semelhantes aos do homem qne soffre?! E todas as outras manifestações dadas por elles, não mostram que têm um rudimento de vóz articulada, que se perde porque não se soube aproveitar?

E assim os outros animaes têm a sua linguagem

que é tão clara para seus semelhantes, mas que é tão difficil para nós!!

Dir-se-á que, tendo os mamiferos superiores os orgãos vocaes semelhantes aos do homem; não ha razão para que os macacos não tenham tambem a linguagem articulada.

Ora, os desenvolvimento da linguagem está em relação com o desenvolvimento do cerebro e o desenvolvimento *deste* é proporcional ao meio ao uso e aos costumes. Si os primeiros macacos tivessem uma intelligencia que lhes induzisse a procurar fallar, estamos certos de que fallariam hoje, tão bem quanto nós—sirvam de exemplo as aves como o rouxinol e o corvo, ambas têm os orgãos vocaes iguaes, entretanto seus cantos são extremamente oppostos!

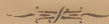
O *cèbus azaræ* possue uma linguagem que se manifesta por seis sons differentes. Ora, o homem primitivo havia de tel-a muito rudimentar; o habito constante de uzal-a e a comprehensão de sua utilidade por um lado, a hereditariedade e a evolução progressiva de outro, deram em resultado o aperfeiçoamento a que hoje chegamos.

A intelligencia do homem è tambem apontada como sendo immensamente superior a dos outros animaes; o homem, cujas condições de vida são muito differentes das dos outros animaes, desde o mais primitivo, habituou-se a um uso constante das faculdades intellectuaes. Naturalmente, como acontece com todos e com tudo,

essas faculdades se desenvolveram muito mais do que naquelles que pouco uso faziam. Entre elles, vemos mesmo differenças collossaes si compararmos certos selvagens com Victor Hugo, Milton, Gœthe, Camões, Ruy Barboza e muitos outros; e si tomarmos por base as faculdades intellectuaes, vamos indubitavelmente classifical-os como differentes.

Desde o momento que o homem habituou-se ao exercicio constante de seu cerebro, este, pelas regras que temos anteriormente estabelecido, se desenvolveu muito mais do que nos outros.

Assim, depois dessas ligeiras considerações, diremos em conclusão—*acreditamos no transformismo, como sendo a doutrina que melhor nos satisfaz; as lacunas que existem serão com certeza preenchidas.*

Não pretendemos fazer um estudo sobre a origem do homem, mas, demonstrar porque acreditamos no transformismo, para dahi estudarmos o homem em suas variedades ou raças.

II PARTE

AS RAÇAS HUMANAS

CAPITULO I

Origem, formação e classificação das raças

No nosso capitulo anterior deixamos assentada, como mais provavel, a origem simiana do homem.

Durante muito tempo essa doutrina era um verdadeiro dogma scientifico; hoje, porém, já alguns scientistas contestam seu valor; Angelo Vaccaro pensa que, quanto a selecção humana, o transformismo não tem razão de ser, pois, nesse caso a humanidade hoje deveria ser perfeitissima. Supponhamos, porém, que sua origem seja verdadeiramente simiana. Resta saber, quando e como appareceu o homem na Terra, e como se constituiram as diversas variedades no genero. Incontestavelmente é este um ponto interessante, sinão um dos mais importantes no estudo das raças humanas.

Os anthropologistas e os philosophos têm apresentado innumeras hypotheses, que se destroem mutuamente quando não vão de encontro á observação. Por um lado as religiões procuram explicar a seu modo, não só a origem como o apparecimento do homem na Terra; por ourto lado os scientistas, historiadores, philosophos, etc., criticando essas, apresentam outras que não se baseiam em ponto algum verdadeiro. Para se saber a origem das raças humanas, duas são as principaes theorias: *monogenista* e *polygenista*. Para os *monogenistas* só existe uma *especie humana*; as differenças que se notam entre as raças são o resultado de condições accidentaes que vieram modificar o typo primitivo; os *polygenistas* dizem que as differenças são originaes.

Tanto o *polygenismo* como o *monogenismo* tem sua razão de ser. Ha incontestavelmente argumentações que parece resolverem o assumpto, ora para um, ora para outro lado, sem, entretanto, adiantarem grande cousa para que seja definitivamente assentada esta ou aquella doutrina.

Confessamos que muitas vezes parece-nos mais bem pensada a doutrina monogenista, porèm, ha casos em que uma e outra têm muito valor e ás vezes nenhum!

Indubitavelmente o polygenismo explica mais facilmente do que o monogenismo os principaes problemas da questão. Ao passo que o polygenismo mostra o apparecimento do homem em

diversas variedades, sem serem precisas condições que venham trazer uma modificação, o monogenismo precisa resolver as questões de variação, emigração e acclimatação. Assim os monogenistas consideram tódas as diversas raças como originarias de um tronco unico. Por que razões ellas não podem ser iguaes em sua origem, quando seus representantes quasi nada se differenciam anatomica e physiologicamente?

A côr que geralmente serve de base para as classificações, e que constitue o factor de maior variação, póde ser modificada accidentalmente devido á secrecção de que depende; certas manifestações cutaneas, as *sardas*, que se observam na pelle dos brancos, são pontos negros que se destacam na sua alvura. Ora, isso que se pode observar nas mulheres gravidas, ou no homem sob a acção da luz solar e que tem apenas o aspecto de manchas, não podia sob certas condições permanentes se generalisar, isto é, ser em toda a pelle?

A situação de um paiz, isto é, sua latitude, etc., e as condições de seu meio dentre ellas especialmente o calor, têm influencia sobre a colloração da pelle; nesse caso, poder-se-ia dizer que em nossos tempos não se observa esta acção de agentes externos sobre a colloração da pelle; convém, entretanto, notar que, para que tal phenomeno se possa dar, seriam necessarios milhares de seculos, como aconteceu provavelmente na

pre-historia. Em nossos dias *Elisée Reclus* diz que nos Estados-Unidos, os negros, em cento e cincoenta annos, têm feito já uma differença exterior sem haver cruzamentos. Mas, dir-se-á, como é que os Egpcios de hoje ainda representam o typo dos antigos Egypcios? Como não se deu essa transformação da pelle etc ? Muito simplesmente poder-se-á responder: naturalmente esse povo representa já uma transformação que se operou em grande espaço de tempo, constituindo o typo proprio para aquella região. Nada mais houve do que a conservação daquella raça depois de acclimatada ao logar, etc.

Contrariamente ao que pensam os polygenistas, a côr parece ser contraria ao polygenismo. E' com toda a razão que se pode argumentar do seguinte modo: «si as raças humanas constituissem especies differentes, e essas especies sendo classificadas de accordo com a coloração da pelle. essa coloração necessariamente havia de ser um caracter fixo e invariavel».

Não poderam até hoje as sciencias descobrir caracteres que podessem differenciar os homens como se differenciam os animaes de especies desiguaes; e é hoje cousa assentada, que o caracter essencial de uma especie é a infecundidade com outra, e nos homens a infecundidade não existe, por mais desemelhantes que sejam as raças a se cruzarem.

Os polygenistas argumentam com a philologia;

dizem elles que não encontram relação alguma entre certas linguas o que presuppõe tambem não existir entre as respectivas raças. Essa argumentação parece ter algum valor; entretanto, os monogenistas acham que podiam certas variedades ou raças ter se destacado do tronco commum, sem que houvessem creado uma linguagem basica para todas e que chegasse até nós.

A philosophia ainda não encontrou tambem elementos que lhe levassem a crer no polygenismo. Logo, é provavel que o homem tenha uma origem commum; as diversas variedades, que hoje observamos, rezultam de condições de meio etc., que trouxeram como consequencia as diversas raças que existiram e existem.

Parece-nos que a doutrina monogenista é a mais acceitavel. Ora, a theoria de Kant e Laplace sobre a origem dos mundos habitados é hoje cousa de que não se duvida. Da nebulosa central, em vibração constante, por effeito de sua força centrifuga se desaggregaram multiplos fragmentos que, estando em ignição foram pouco e pouco se condensando, tomando uma temperatura variavel, propriedades physicas e chimicas desiguaes, constituindo os diversos mundos ou planetas; assim, a Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano, Mercurio, Neptuno, Venus, Lua, Sol etc., todos têm uma origem commum.

No nosso primeiro capitulo tratando da origem da vida, chegamos á conclusão de sua

origem monista. E, como o apparecimento da vida, o apparecimento dos planetas e o apparecimento do homem são factos semelhantes, o estudo comparativo leva a crer tambem na monogenesia, maximé com os argumentos que jádemos.

Tendo a especie humana uma origem monogenista, ella, entretanto, appareceu ou não em diversos centros de apparição? Do mesmo modo que para o origem da especie, temos duas opiniões tambem oppostas: o *cosmopolitismo incial da especie humana*, tendo como chefe Luiz Agassiz e o *acantoamento progressivo das especies*, correspondendo respectivamente a muitos centros de apparição e a um unico centro.

Quatrefages, oppondo-se ás idéas de Agassiz, estuda os anthropomorphos em seus centros de apparição. Partindo dos mais inferiores desses animaes, elle observou que, á medida que se iam elevando na escala, seu circulo ia se tornando mais restricto. de sorte que os visinhos do genero *homo* appareciam, como o gorilla, apenas em um centro, no Gabão. Sendo o acantoamento progressivo dos seres organisados crescente na proporção de seu aperfeiçoamento, no homem, como mais aperfeiçoado dos mamiferos, com maiores razões que no gorilla, o acantoamento seria mais aperfeiçoado, dando-lhe tambem um unico centro de apparição.

Acceita então a origem monogenista das raças e um unico centro de apparição, resta ainda saber

qual a raça primitiva que deu origem a todas as outras, e qual a posição geographica que occupou em sua formação. Parece que à Asia cabe a gloria de ter sido o berço da humanide. Não ha razões para que se supponha ser outro continente, quando alli é que se encontram ainda hoje representantes de quasi todas as raças e de quasi todas as linguas, continente mais antigo e de onde partiram as grandes emigrações. Uma outra razão concorre para se acreditar em ser a Asia o berço da humanidade, é habitar alli a raça que se julga a primitiva.

Estabelecido o ponto de partida das raças, resta saber, já que seguimos a doutrina monogenista, qual dellas deu origem ás outras. Muito provavelmente a raça amarella é a primitiva; o amarello, elemento corante que se encontra sempre no pigmento cutaneo, parece demonstrar ser o elemento predominante na coloração das pelles. As linguas monosyllabicas constituem o inicio do linguissimo, e essas linguas são ainda hoje falladas pelos povos amarellos. E, si essa raça é a primitiva mais uma razão para se suppor a Asia, sua patria, como sendo a patria da especie humana. Como, porém, se explica a existencia de outros povos, como os americanos, em um continente tão afastado e izolado do centro de apparição? Como se pode explicar a existencia dos africanos, dos polynesios e dos outros povos? Os monogenistas

pensam que a colonisação do mundo se fez por emigrações dos primitivos amarellos da Asia.

Podendo o homem se adaptar ás condições do meio em toda e qualquer região compativel com a vida, muito provavelmente, depois de estar augmentada a população da Asia, começou a se operar uma corrente emigratoria para as outras regiões. Quando havia interrupção pelos mares, estreitos, etc., procurariam, com certeza, meios de transporte que facilitariam a passagem. Para a America, sendo o estreito de Behring relativamente pouco largo, e havendo entre ella e a Asia, no estreito, as ilhas de S. Diomedes, talvez a emigração se fizesse por esse lado; e mesmo, mais ao sul, existem correntes marinhas, como a corrente de Tessan, que vem em direcção das costas da California. Ainda que não tivessem os asiaticos de então uma intuição dos factos e das cousas, é todavia possivel que procurassem atravessar o estreito levados por uma verdadeira lucta pela vida, rezultante de uma super-população.

Este é um ponto que nos parece ser um dos pontos fracos da theoria monogenista. Aventurar-se-iam os homens de então a atravessar as aguas para terras desconhecidas, sem ao menos saberem si teriam o que comer? Entretanto Castelnau vem em apoio da theoria monogenista, estudando a analogia existente entre os americanos e os mongóes; Castelnau dizia: «quando me vejo rodeado pelos siamezes, meus creados, julgo-me na America».

Vavasseur tambem achava tão parecidos os americanos com os originarios da Asia, que, assistindo a uma recepção de embaixadores do Siam, dizia: «Eis ahi os meus botucudos!»

Paz Soldan, confirmando o que diziam os antigos chinezes sobre um paiz chamado *Fu-sang* por elles conhecido, escreveu o seguinte: «Os habitantes da aldeia de *Etnen* no Perú, parece pertencerem a uma raça differente da que pertencem os das aldeias visinhas; vivem quasi que afastados desses, unindo-se muito entre si, e fallam uma lingua que os chinezes, que vieram ao Perú nos ultimos annos, entendem perfeitamente».

Si isso é verdade, parece-nos que o polygenismo perde cada vez mais, ao passo que o monogenismo vae explicando os pontos difficeis de se explicarem!

Humboldt achava grande analogia entre os asiaticos e os americanos, o que o levava a crer em sua origem commum; para elle a existencia de instituições antigas, idéas religiosas, etc., que se encontraram na America na época de seu descobrimento, e analogas ás que tinham os povos primitivos da Asia quando tiveram um inicio de civilisação, levam a crer em uma origem asiatica para os povos desse novo continenti. Passados então para esse *Novo Mundo*, os asiaticos foram se tornando americanos, isto, é, se adaptaram ás condições inherentes ao meio, e, sob o sol equatorial, a pelle foi insensivelmente mudando de côr,

até que depois de algumas gerações se formou o typo proprio para a região, caracterisado pelos indios da America. E do mesmo modo vamos observar a colonisação de todas as outras terras, adaptando-se sempre o homem ao meio, pois é sempre o meio que domina a creação.

Ainda hoje uma coincidencia auxilia a monogenesia: a Asia é de todas as partes do mundo a que tem maior população; a raça chineza (amarella) é considerada como um verdadeiro perigo para a Europa!

A polygenesia seria incontestavelmente muito explicavel si não houvesse a observação. A experiencia demonstra que a raça preta, branca ou outra qualquer, pode se originar de uma outra, a amarella; e esta, representando a média entre as duas, desde que se acha em dois pontos extremamente oppostos, onde as condições do meio, em um concorrem para carregar mais a pigmentação cutanea, e em outro para diminul-a, essa pigmentação, sob uma acção constante, vae se modificando até chegar ao preto e ao branco; esse facto concorre tambem para se crer em ser a raça amarella a primitiva. Por alguns é contestado esse modo de pensar de Castelnau e Humboldt. Entretanto dentre as innumeras causas que nos levam á crer que a Asia foi o berço das gerações, algumas ha que não pódem soffrer contestação: foi a Asia que ensinou o alphabeto á Grecia; na Asia nasceram todos os deuses dos pantheons; na Asia

existiram as primeiras escolas de astronomia, etc.; finalmente a civilisação chineza, que actualmente se tem considerado inferior, foi a que mais se salientou na vida dos povos; têm sido feitas descobertas taes, que, provando o gráo elevadissimo a que attingiu a civilisação no Celeste Imperio, demonstram que, si o solo fosse excavado como tem sido o da Europa, encontrar se-iam elementos que deixariam ver o quanto progrediu o antigo Imperio da China. Ora, essa questão de apparecimento do homem, berço da humanidade. é uma questão que não se pode asseverar, ficar resolvida deste ou daquelle modo; certos factos e certas cousas é que nos podem dar alguma probabilidabe, mas nunca a certeza.

Originado o homem, sabido o ponto onde primeiro elle appareceu para dahi emigrar para outras partes do mundo. resta-nos saber quando appareceu o primeiro, isto é, desde quando data o seu apparecimento Nada se sabe de positivo a este respeito.

Innumeras foram as theorias que os archeologos, historiadores, philosophos e scientistas outros lançaram como provaveis para explical-o. havendo entre ellas divergencias taes, que chega a haver differença entre uma e outra, ás vezes para mais de centenas de milhões de annos!!

Entretanto. apezar de nada se poder afirmar, os historiadores acham que o homem devia ter apparecido do meiado do periodo terciario ao

começo do quaternario. Quaes as razões que os levam a acreditar? Além de uma flora variada, a fauna do periodo terciario tem tambem innumeras especies que *Barrande* calculou em 17.000, desde os mais rudimentares até os anthropoides superiores. Será por essa razão que os historiadores pensam desse modo? Alguns acreditam que a crosta terrestre se solidificando cada vez mais, ia pouco e pouco fugindo à acção do calor central; a temperatura descendo então até o que hoje é, a nossa normal, eliminava da atmosphera, vapores que a sobrecarregavam; então, sendo favoravel o meio, a vida seria compativel

Isso. porém, poderá provar que a vida começou nesse periodo, mas não o homem, pois, o apparecimento da vida é cousa muito differente do apparecimento do homem. Para alguns não resta a menor duvida de que o homem appareceu no periodo terciario. *Desmoyers* examinando um tibia de um rhinoceronte achado em *Saint-Priest*, observou verdadeiras incisões que só podiam ser feitas pelo homem. Além de muito vaga essa asserção, *Lyell* achou que as areias, em que foram encontrados os ossos desse animal, não pertenciam ao periodo terciario.

Em 1872, em um Congresso reunido em Bruxellas o padre *Bourgeois* apresentou fragmentos de silex retirados de terrenos do periodo terciario—(*miocenio*), no arrabalde de *Tenay*, em que se observavam muitos cortes, que por elle foram

attribuidos á intervenção humana. Um geologo portuguez, Cartos Ribeiro, encontrou na bacia do Tejo, em camadas terciarias, silex em fragmentos, nas mesmas condições que Bourgeois; e depois Capellini, em *Monte-Aperto*, achou ossos de pequenas baleias em que se encontravam muitos retalhos. Crêm os historiadores, não haver a menor duvida, em ter sido o periodo quaternario habitado pelo homem. A baixa temperatura da terra de então, não prova, de um modo satisfactorio, que o homem tenha podido apparecer nessa occasião. Poderia ser favoravel á vida humana, sem que entretanto na serie zoologica se tivessem operado as innumeras transformações que vieram ter ao homem. Entretanto, *Schmerling* examinando diversos objectos encontrados em cavernas, mais ou menos nas immediações de Liége, observou, além de *instrumentos* de silex, ossos de *mammuth rhinoceronte*, etc., ossos humanos misturados com elles; ora, sendo o mammuth uma forma ja extincta e caracteristica do periodo quaternario, não poderia restar duvida em ter o homem existido nesse periodo, desde quando se apresentava contemporaneo do mammuth. Comquanto forçada, não deixa entretanto de ter certo valor esta argumentação.

Dez annos depois, *Godwin Austen* encontrou, perto de Torquay objectos de silex, ossos de elephantes, rhinoceronte, etc., juntamente com ossos humanos em *Brixham Macagnone*, e, como o silex

era um dos elementos do periodo quaternario, naturalmente tratar se-ia, nos casos, desse periodo. Lartet foi quem, em 1861, melhor escreveu a respeito.

Em uma gruta de Aurignac, (que é considerada como do periodo quaternario) foram encontrados ossos humanos, ossos de outros animaes roidos até a medulla e cinza; Lartet concluiu que os ossos roidos demonstravam que nesse logar se alimentavam os homens, e que as cinzas provariam terem se feito alli sepulturas para enterrar os mortos.

Assim, nada podemos asseverar sobre semelhante assumpto; apenas podemos dizer que, em um passado já bem distante, foram descobertos, na espessura dos terrenos, pedaços de pedra de formas variadas, demonstrando claramente a intervenção humana

Os homens se distribuindo pelas diversas partes do globo formaram, devido á acção de agentes modificadores externos, as diversas variedades que hoje chamamos raças.

Podemos, de um modo geral, dividir as raços em prehistoricas e historicas. As prehistoricas, ou raças na prehistoria, comprehendem dois grupos principaes — *dolicocephalus* e *brachycephalas*; as dolicocephalas, ou de homens com cabeça comprida, compunham-se de duas raças: *Canstadt* e *Cro-Magnon*; as brachycephalas, ou de cabeça chata—as de Grénelle, Truchère e duas

de Furfooz, segundo a classificação de Hamy e Quatrefages.

Raça de Canstadt. — Assim chamada por ter sido nesse logar que se descobriu o primeiro elemento para a sua classificação, a raça de Canstadt foi a mais antiga que habitou a Europa. Jœger e depois Hamy, estudando o craneo encontrado, acharam que elle era semelhante a um outro chamado craneo de *Neanderthal,* descoberto 157 annos depois, isto é, em 1857 quando se deram ao trabalho de estudal-os em *Dusseldorf.* Esta raça representada na historia por estes dois craneos incompletos, caracterisa-se pelo desenvolvimento dos seios frontaes, e pela saliencia formada pelo encontro das duas arcadas superciliares, no nivel da bossa frontal mediana. A fronte geralmente estreita e deprimida, abobada craneana baixa, elevando-se porteriormente mais ou menos na porção escamosa do occipital, ossos com grande espessura, observando-se até 1 millimetros e com um aspecto summamente selvagem, constituiriam um homem de mais ou menos, 1,m70 de altura.

Assim formado, um representante dessa raça seria extremamente parecido com um macaco anthropomorpho.

Raça de Cró-Magnon.—A raça de *Cró-Magnon* recebeu esse nome, como a precedente, devido ao logar em que se encontraram os restos humanos dessa nova raça. Contrariamente aos homens de

Canstadt, os de Cro-Magnon têm os seios frontaes pouco desenvolvidos, craneo excessivamente grande, orbitas pouco elevadas com bordos quasi rectilineos e nariz estreito e saliente. O maxillar inferior muito largo, especialmente no ramo ascendente, que se encontrou com 49 milimetros, liga-se a um maxillar superior, cujo bordo alveolar projecta-se extraodinariamente para deante. Em *Cro-Magnon* descobriram-se os restos de trez homens, de uma mulher e de uma creança, com os caracteres a que nos vimos referindo, constituindo os representantes dessa raça.

Suppõem-se que os Cró-Magnonenses teriam forte organisação cerebral, pois, Broca calculou a capacidade craneana em 1590 cc; a estatura media seria de 1,m78, tirada uma media dos cinco representantes encontrados. Segundo nos afirma a historia, os representantes dessa raça tinham uma *civilisação* mais adeantada do que os de Canstadt, que eram verdadeiros selvagens.

Raças brachycephalas.—As raças brachycephalas ou *de cabeça curta* comprehendem as de Grinelle, Truchère e duas de Furfooz. A raça de *Grinélle* foi encontrada nos arredores de Paris por Emile Martin em 1867. A glabella ou bossa frontal mediana é pronunciada, e os malares são muito rugosos e volumosos; as orbitas têm uma forma mais ou menos quadrangular e os osssos do nariz são meio concavos e muito salientes, Os ossos dos membros e do tronco sendo proporcionaes a uma

forte musculatura, demonstram, apezar da estatura de 1,m62, uma formação robusta.

Raça de Truchére.—A menos inreressante de todas, a raça de *Truchére*, como as demais, recebeu o nome do logar em que foram encontrados os restos do unico individuo que a representa. A desharmonia entre o craneo e a face é o que mais caracterisa a raça de Truchére. A face pequena, contrasta com um craneo muito desenvolvido, pelo augmento consideravel do diametro transversal e de todos os ossos exceptuando o frontal, que se retrahe na parte inferior onde vae formar uma fronte diminuida de largura.

Segundo Lesson, a especie humana seria dividida em trez grandes raças, em que se tomava por base para classificação a coloração da pelle; essas tres raças seriam: *a branca ou caucasea, a amarella ou mongollica e a negra ou melaniana*. A *branca ou caucasea* ou raça de pelle branca, se dividiria em tres ramos principaes: o *aramaico*, o *indiano-germanico* e o *scythico-tartaro*.

O ramo *aramaico* comprehenderia os assyrios, chaldeus, arabes, phenicios, hebreus, abexins etc,; o *indiano-germanico-pelasgico*, os celtas, cantabros, persas etc.; e o *scythico-tartaro* os scythas, parthas, turcos, finlandezes, hungaros e duas variedades que são a *malaia* e a *oceanica*.

Amarella, ou a raça de pelle amarella, comprehenderia cinco ramos—*o mandchù, o sinico, o hyperboreano ou esquimau* representado por

parte dos lapões, samoyédos, esquimáus etc., o *americano*, tendo os typos peruviano ou mexicano, araucamio e patagonico e o *carolinense ou mongolico-pelasgico*,

A *negra ou melaniana* seria representada por sete ramos:—*ethiope, cafre, hottentote, paquaño, transmanino, alfurus-endamenico* e *alfurus-austral.*

Uma outra classificação, adoptada por Sergy, tendo por base o polygenismo, divide os homens em tres especies:—*neanderthalensis, eurafricana* e *eurasica.* A especie *neanderthalensis*, que é caracterisada pelo craneo de Dusseldorf a que anteriormente nos referimos, é uma especie extincta e que habitou muito provavelmente o continente europeu; della, com certeza, não existem mais representantes. A *eurafricana*; originou-se na Africa e espalhou-se pela Europa, donde o seu nome de eurafricana; ella comprehende tres variedades que são: *nordica ou branco-loura, morena ou mediterranea* e *vermelho-morena ou africana.* A variedade nordica comprehende a Europa do norte, donde o seu nome; a *mediterranea*, que de todas è a mais importante, é dividida em tres ramos chamados—ramo asiatico, ramo africano e ramo europeu. O ramo *asiatico* deu sub-ramos para o Mediterraneo, isto é, para a parte da Asia que confina com o Mediterraneo, para a Arabia, Mesopotamia, China, Iran e India, constituindo os *Ayras*; o ramo *africano* deu sub-ramos

tambem para o Mediterraneo que se relaciona com a Africa, Sahára, oriente e occidente da Africa e Canarias; e o ramo *europeu* dando sub-ramos para o Mediterraneo, Mar Negro, oriente, occidente e centro da Europa. Finalmente a variedade africana dando um ramo oriental e outro occidental e central. A outra especie, a *eurasica* poderia ser considerada, de um modo geral, como sendo a raça Mongolica actual.

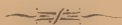
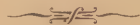
Le Bon, considerando as raças sob seus caracteres psychologicos, dividiu-as em quatro grupos: *primitivas, inferiores, medias e superiores. Primitivas* são aquellas que não apresentam nenhum vestigio de cultura; inferiores as que se representam pelos negros, que podem ter rudimentos de civilisação mas, geralmente barbara; medias as que têm uma civilisação mais elevada que as outras, tendo como principal representante a raça amarella; superiores as que constituem os povos indo-europeus, isto é, aquelles cujo progresso está acima de todos os outros.

Uma outra classificação podemos dar, tomando por base a coloração da pelle e caracteres outros. Essa classificação divide os povos em cinco grupos ou raças principaes:—*branca ou caucasea*: *amarella* ou *mongolica*, *negra*, *malaia* e *americana*. A branca ou caucasea se divide em tres grupos: —*indo-europèa*, *semitica* e *ethiope* ou *lybica*.

A *raça branca* se caracterisa ordinariamente pela pelle branca, cabellos finos, nariz saliente,

angulo facial aberto, etc. *A indo-européa* comprehende nove variedades que são: latina á qual pertencemos, germanica ou teutonica, slava, hellenica, celtica, caucasea propriamente dita, hindostanica, persa e armenia. A *semitica* comprehende dous grupos:—*hebréa* e *arabe*. A raça *amarella* tem a pelle amarella ou azeitonada, cabellos pretos e rijos, cara larga e chata, olhos obliquos e pouco abertos e muito pouca barba, e apresenta duas variedades ou grupos:—*tartaro-mongolica* e *chinesa*. A tartaro-mongolica comprehende quatro variedades:—mongolica, tungusa, turca e uraliana. A *Chineza* tem cinco variedades: chineza propriamente dita, coreana, thibetana, japoneza e indo-chineza. A *raça negra* tem os caracteres seguintes: cor preta, cabellos encarapinhados, fronte mais ou menos convexa, beiços grossos, nariz achatado e angulo facial pouco aberto; divide-se em dois grupos: africano e oceanico, comprehendendo o primeiro duas variedades:— negros propriamente ditos e cafres e hotentotes. *A malaia*, de cabellos pretos e luzidios, pelle parda, comprehende a malaia propriamente dita e a polynesia. A *Americana*, que é representada pelos esquimáos e pelos indigenas, tem a pelle cor de cobre, cabellos cahidos e pretos, nariz saliente, etc. De todas as classificações nenhuma tem um caracter de invariabilidade fixo. Sendo os cruzamentos tão desiguaes entre os povos não se pode, pela coloração da pelle, fazer uma classificação, pois, teriamos, nesse caso,

tantas raças quantos fossem os cruzamentos desiguaes que se effectuassem. Si se reunirem á côr, caracteres outros que se possam encontrar nos diversos homens, nada se poderá obter devido á diversidade desses caracteres. Por essa razão parece-nos que melhor seria dividirmos o *genero homo* em quatro grandes raças principaes tomando por base a coloração da pelle: branca, amarella, vermelha e preta. Dessas então podem muitas outras se originar, por cruzamento, variando conforme as raças e de accordo com os cruzamentos que se fizerem, *ajudando a permanencia ou modificação desse novo typo, condições exteriores, dentre ellas especialmente o clima.*

Essas raças principaes têm assim se dividido em uma infinidade de raças outras, geralmente de accordo com a nacionalidade; e hoje quasi que se pode dizer—as raças são tantas, quantas, são as nações.

CAPITULO II

Evolução das raças

Constituidas as diversas raças pelas condições que acabamos de fallar, procuremos, de um modo geral, estudar a sua evolução. Sendo a raça amarella a primitiva e originaria da Asia, feitas as correntes emigratorias, esses emigrantes se amoldaram ás condições do logar, constituindo novas raças. Vimos um chinez que ha tempos habita entre nós, que tem a coloração da pelle igual á nossa. E' interessante olhar-se para esse ex-amarello onde se encontram ainda a conformação da fronte, o angulo visual e supercilios caracteristicos, com a pelle já se tornando de um roseo-moreno. Esse facto mostra a relação que existe entre os povos desde a sua origem, e que o monogenismo á acceitavel. Constituidas essas grandes raças principaes a que já nos referimos, é mister se saber como se formaram as diversas variedades da mesma raça, o que constitue sua evolução, ou ainda, como se constituiram as sociedades humanas. Keane

admitte que as variedades humanas que mais se differenciaram, como a branca, amarella e negra, se derivam de macacos differentes em differentes regiões. Uma cousa levava Keane a ennunciar essa theoria e os scientistas a acceitarem-n'a: a desigualdade humana. Elle pensava que, tendo as raças que habitam a Europa uma verdadeira superioridade sobre as outras, as quaes, quando não restavam em estado barbaro, muito pouca cívilisação possuiam, o polygenismo melhor explicaria a evolução da humanidade; as raças européas se expandindo extraordinariamente pelos outros continentes mostravam que ellas eram immensamente superiores ás outras, para as quaes levavam sua civilisação. Keane pensa erradamente. A expansão dos europeus é um facto que se havia de dar, indepentente de superioridade delles sobre os outros.

Nesse caso a expansão chineza tambem teria o mesmo rezultado! A Europa tendo apenas 10 milhões de kilometros quadrados de superficie tem uma população de cerca de 450 milhões de homens; a Africa sendo tres vezes maior que a Europa, sua população é tres vezes menor do que a della; e a America, sendo maior mais de quatro vezes, tem apenas 150 milhões de homens. Ora, a população de certos paizes do Velho Mundo é muito grande, relativamente a sua extensão; a Allemanha, por exemplo, tendo menos de 600 mil kilometros quadrados tem quasi 80

milhões de habitantes; a Italia sendo quasi dez vezes menor do que o Estado do Amazonas, tem sua população 100 vezes maior!

A Grã-Bretanha acha-se em condições identicas: paizes pequenos e com populações enormes. Desse modo é facil de se suppor a consequencia: esses povos têm uma necessidade de expansão, como têm os chinezes e os japonezes, em que a emigração é abundante. Necessariamente os povos europeus, principalmente os italianos, inglezes e allemães, não vão procurar se dirigir á Belgica ou á Russia; elles procurarão um paiz em que a população seja pequena, e o solo esteja menos povoado. Por que motivo não se dirigem elles para a China e o Japão, a China principalmente, que ainda querem considerar como povo inferior? A superioridade das raças européas existe *actualmente*, mas essa superioridade tanto pode ser para ellas, como para as demais, de sorte que o monogenismo tambem pode explicar a desigualdade actual. A emigração dos povos europeus, não importa absolutamente em sua superioridade. O europeu tanto emigra para uma nação constituida por um povo inferior, como para uma constituida por um povo superior, e a prova está nas Americas Central e Septentrional. As grandes ondas que vêm da Europa, mostram apenas o accumulo de gente em pequeno territorio. E' por essa razão que as raças européas estão se espalhando por todos os continentes.

Gumplowic pensa que as sociedades humanas

só se poderiam ter originado pelo polygenismo. Para elle a humanidade seria formada por compostos heterogeneos que, luctando uns com os outros, se constituiriam em tribus com o instincto de defeza. Si os animaes de uma mesma especie se reconhecem, diz elle, o homem tambem reconheceria os de sua *especie* para com elles se unir; nesse tempo, os homens sendo excessivamente selvagens, seria necessario que um mais fraco procurasse se unir a outro, com o fim de se precaver do mais forte, e assim por diante, até que se formassem tribus maiores.

Ora, não ha razões para que se queira attribuir semelhante facto ao polygenismo. Quereria Gumplowic que os homens primitivos tivessem idéas de sociabilidade a ponto de serem precisas especies differentes para se poder dar a lucta entre elles? Nesse caso a actualidade estaria nas mesmas condições. Que direitos se reconhecem aos africanos? Quaes os direitos que têm os tripolitanos em nossos dias? Os naturaes de Marrocos? Não nos bastam os exemplos que estamos vendo nesses dias?!

Os povos da actualidade são verdadeiras feras que raciocinam. A Europa inteira geme debaixo do peso da anarchia promovida por seus filhos! A Italia, que se encontra no rol das nações civilisadas, commette actualmente as maiores atrocidades na guerra com a Turquia, trucidando mulheres e crianças, cujo crime unico era serem

arabes!!! Onde está a civilisação desse povo? De que será formado o cerebro desses homens? A que se deva attribuir semelhante anomalia? Entretanto a actualidade crê-se chegada a perfeição!! Desse modo, as nações civilisadas de hoje, ou seriam de *especies differentes*, segundo Gumplowic, o que não é acceitavel, ou de uma mesma especie, o que é mais provavel. Conseguintemente, as luctas que hoje se dão entre os povos e as nações, são semelhantes, ou peiores, do que as que se davam na antiguidade para a formação das sociedades; e como os allemães, francezes, inglezes, etc., são da mesma raça *branca*, e seriam, com o polygenismo, da mesma especie, as luctas constantes que entre elles se observam, provam que não é preciso ser de especie differente para que isso se dê. E' por isso que quasi se póde dizer «o homem quanto mais civilisado, menos raciocina!» Os povos primitivos se reunindo em tribus obedeceram a uma lei geral—o instincto sexual, o instincto de defeza e essa affinidade que tende a reunir os animaes da mesma especie, tudo isto fez com que os homens fossem se agrupando, defendendo os interesses proprios e communs ao grupo contra um outro grupo que se constituiu do mesmo modo. Gumplowic attribuiu ao polygenismo a formação das sociedades, e, como Keane, andou erradamente. As tribus da antiguidade viveram durante muito tempo em grande numero; independentes uma da outra. Ellas, como as pequenas nações da actualidade, procuravam

manter sempre sua independencia, porém, chegaria uma occasião em que haveria, por qualquer motivo, a fusão de muitas tribus, constituindo uma grande tribu.

Não se pode concluir dahi, que essa novel nacão seja formada de elementos que surgiram de diversas origens. A França e a Italia, e a Russia, a Austria, a China, as Indias, etc.. representam: as duas primeiras, a unificação de diversos elementos constituindo uma unica nação, *sem que para isto existisse o polygenismo*; e as ultimas, imperios formados por pequenas nações, que, sendo difficil de se unificarem, muito provavelmente talvez desappareçam. A fusão de tribus entre si, além de ser explicavel, como procuramos fazel-o, seria indispensavel. Desde o momento que uma tribu se limitava, os seus membros não teriam uma idéa nova que lhes despertasse um progresso de civilisação. A reunião, então, traria os elementos de uma com seus costumes e sua civilisação tambem a augmentar esta outra, pois, dessa reunião, ou de uma troca qualquer, é que poderia resultar o progresso Os indios da America restaram em uma selvageria completa, naturalmente por este afastamento por completo *desde a mais remota antiguidade*

Mergulhando-se a vista no passado, olhando-se para o presente e interrogando-se o futuro, uma duvida domina logo o espirito do investigador—as raças têm ou não evoluido? Não resta duvida que socialmente as raças têm evoluido de um modo

consideravel, de sua origem aos nossos dias. Physicamente parece-nos que se tem dado o contrario. Os homens da antiguidade eram homens fortes, robustos, verdadeiro contraste com a maior parte dos homens da actualidade. E' bem provavel que na especie humana esteja se dando o que já se deu nos outros vertebrados. Os grandes monstros paleontologicos, cujos restos assombram os scientistas pelo seu grande talhe, hoje não existem mais.

Ha uma verdadeira decadencia physica que vae cada vez mais se accentuando

E' bem provavel, repetimos nós, que o mesmo se dê na especie humana, pois, os homens de hoje quasi que se podem chamar *atrophias physicas* comparados com certos povos da antiguidade. Antigamente os povos faziam grande uso de suas forças physicas, e sabiam mesmo educal-as. Com a evolução social, os povos modernos abandonaram quasi por completo a educacão physica, cuidando apenas da intellectual; raro é o povo que a par de uma cuida da outra. A evolução social manifesta-se de um modo evidente desde os primeiros povos da historia. Os Egypcios parece-nos terem a primazia da evolução. Além dos numerosos trabalhos, como o labyrintho, o lago Mœris, etc., as pyramides attestam o grau altamente elevado a que conseguiu chegar esse povo. Quando Bonaparte invadiu o Egypto, a commissão franceza que acompanhava o exercito foi estudar esses grandes

monumentos que representavam 40 seculos contemplando o grande exercito!! A grande pyramide ou pyramide de Keops, a maior de todas, foi o ponto de investigação a que se atiraram os scientistas da referida commissão. Notaram que prolongando as diagonaes da pyramide, ellas encerravam o delta do Nilo, e que o merediano, isto é, uma linha norte-sul passando pela vertice, dividia o delta em duas partes iguaes. Esse meridiano da grande pyramide é ainda o melhor meridiano do mundo: é o que atravessa mais continentes e menos mares, e além disso divide em duas partes rigorosamente iguaes as terras que podem ser habitadas pelo homem. E, constrastando com a difficuldade actual, os egypcios orientaram-n'a de tal modo, que suas quatro faces olham exactamente para os quatro pontos cardeaes. Herodoto diz que as proporções entre o lado da base e a altura eram taes que, o quadrado construido sobre a altura vertical igualava a superficie de cada uma das faces triangulares. Os mathematicos chegaram a conclusão que uma circumferencia rectificada se representa pela seguinte formula: $S=2\,\widehat{\Pi}\,R$, ou seja o diametro multiplicado por 3,1416. Na grande pyramide, si se tomarem os quatro lados da base, cujo valor é 232m,805 para cada, temos 931m,22; dividindo-se, então, por duas vezes a altura da pyramide, 148m,208, temos como resultado 3,1416, verdadeiramente o numero $\widehat{\Pi}$.

Por essa razão disseram os sabios da com-

missão franceza, que a grande pyramide era a consagração material do numero II. Na astronomia as descobertas foram notaveis; multiplicando se a sua altura por 1 milhão; chega-se a 148.208.000 de kilometros, o que representa mais ou menos a distancia calculada da terra ao sol! Ainda mais: a passagem da entrada olha para a estrella pollar da epoca; de sorte que ella teria sido orientado de accordo com os equinoxios. A densidade do globo achana camara do Rei uma densidade igual a sua, e a capacidade de uma das salas dessa mesma camara, era exactamente igual á da Arca de Alliança dos Hebreus, Muitissimas outras descobertas foram feitas em que se revelava a culminancia intellectual e artistica attingida pelos Egypcios. A Grecia tambem evoluiu consideravelmente: na historia antiga a cultura grega attingiu ao maximo, designado por *periodo aureo da cultura grega,* Demosthenes, Solon, Lycurgo e muitos outros attestam a veracidade do que dizemos. Militarmente tambem elles evoluiram de modo consideravel. Em Spartha todo homem era um soldado prompto a pegar em armas; era isso um dos pontos principaes para a educação em Spartha. Isso, entretanto, era uma necessidade para a epoca. Por cousas extraordinariamente futeis, como simples questões de adulterio, duas nações entravam em guerra, guerra feroz, verdadeira guerra de exterminio. Ora, nesse caso era necessario que os homens fossem soldados e a nação fosse militarizada. Como as artes e a litte-

ratura, o regimen militar da antiguidade tambem chegou até nós. Acham os governos de certós paizes que o regimen militar obrigatorio é uma medida necessaria e proveitosa. Mas, por que razão? Então só serve á patria quem é soldado? Nesse caso a marinha, que representa a unidade da força por mar, porque tambem não exige que se seja marinheiro? Que necessidade ha de as nações gastarem sommas fabulosas em exercitos e armadas que para nada servem!? Qual é valor de um exercito? Qual é o valor de uma esquadra? Nenhum! Os paizes consomem rios de ouro com as forças armadas, pois, os povos têm medo uns dos outros! Que o homem se arme contra as féras, em que não ha instincto algum de educação, etc., percebe-se; mas, contra seus semelhantes, e ás vezes homens de educação e civilisação elevadissimas! .... é um absurdo!! Em logar dos governos cogitarem de serviço militar obrigatorio, esquadras poderosas, exercitos fabulosos, deviam era crear o *ensino obrigatorio*, para que não houvesse tanto analphabeto, e de dar ao povo *agua*, *ar* e *luz*! A evolução não se pode manifestar em tudo. Os povos têm suas preferencias e especialidades; por exemplo, a raça latina elevóu-se mais intellectualmente, ao passo que a anglo-saxonia elevou-se industrial e militarmente. Qual das nações modernas, onde a evolução da qual raça mais se tem manifestado? Não resta duvida, como acabamos de dizer, que os latinos têm tido uma supremacia intellectual sobre os outros povos.

Os grandes genios da humanidade quasi todos pertencem aos povos latinos. A França acha-se na vanguarda com seus genios formidaveis: na guerra ella teve Napoleão, na marinha Duguay-Trouin e Suffren, na poesia Molliére, na litteratura Victor Hugo, nas sciencias Pasteur, e tantos outros que ainda hoje pontificam de seus tumulos. A Allemanha, onde o espirito guerreiro caracteriza o monarcha e seus subditos, salienta-se especialmente pelas industrias e pela arte da guerra. A Allemanha já deu alguns genios, mas, ultimamente, ella asphyxiada pelo militarismo, nenhum tem produzido. A Inglaterra tambem tem se salientado muito nas industrias. Os genios na raça anglo-saxonia existem, porém, são genios onde existem idéas sem ideaes: Shakespeare, Milton, Byron, Newton e outros immortalizam a grande potencia. As nações latinas têm tido a primazia nos genios. A Italia nas artes se elevou tão alto que produziu um Miguel Angelo e um Leonardo de Vincci. Nas sciencias é á França que cabe a prioridade. Todas as nações têm se salientado de um modo mais ou menos admiravel, e todas ellas têm notabilidades collossaes; porém, todos os genios da humanidade, desde Hypocrates, até os nossos dias, quedam-se em uma admiração religiosa ante a imagem de Augusto Comte!

Pensa Le Bon que toda a sociedade, chegada a um gráo elevado de aperfeiçoamento, começa a decahir, depois de um curto periodo de estabili-

dade. As raças, como elementos constituitivos das sociedades, soffreriam a consequencia da decadencia social, que se manifestaria pela decadencia ou degeneração dessa raça. E' por essa razão, que muitas nações da antiguidade desappareceram, depois de terem se elevado extraordinariamente; diz elle. Como pessimista, Le Bon acredita no desapparecimento de muitas raças que hoje existem, occasionado pela perfeição a que vão attingindo. Não nos parece que isto se dê. E' certo que muitos povos depois de se acharem collocados nas maiores alturas, cahem assustadoramente em sua perfeição social. Entretanto, querem alguns scientistas que, quando uma raça decahe, isto é, quando uma raça não produz mais o que já produziu, esse periodo de tempo é relativamente pequeno e se seguirá de um renascimento da raça. A raça latina que tem estado em uma decadencia manifesta, parece que se erguerá em breve desse torpor em que se acha. Algumas dellas têm desapparecido incontestavelmente depois de uma civilisação adeantadissima; é por essa razão que os typos historicos de uma raça são innumeros, e que o desapparecimento do typo é muitas vezes provocado pelo proprio povo. Não quer isso dizer que o desapparecimento de certos typos seja sempre consequencia de uma civilisação muito elevada; casos ha em que a anarchia existente entre os habitantes de um paiz é tal, que é necessario se procurar fazer surgir uma nova raça, como se passa actualmente entre nós.

Constitucionalmente as raças vão tambem evoluindo; quanto mais annos ellas viverem, mais augmentarão os seus typos historicos. Certos povos, como os inglezes da America do Norte, têm attingido a uma verdadeira perfeição industrial. Contrariamente aos latinos, principalmente do Brazil e republicas hispano-americanas, nos Estados-Unidos quasi tudo está entregue á iniciativa particular, isto é, o povo deixa ao governo a administração apenas, procurando por si o desenvolvimento do paiz. Entretanto, elevando-se de tal modo a ponto de hoje ser um dos paizes de maior progresso, nota-se alli verdadeira degeneração moral! Ha na capital da grande republica agencias em que são vendidos os votos dos membros do parlamento, quando se trata de um *negocio* de importancia! As ladroeiras são tantas e de tal ordem que, como diz Le Bon, as que se passam entre nós, seriam a sua vista, brinquedos de criança! Que se deva dizer desse povo?! . . . .

O que dirá a actualidade: tem uma grande esquadra e um grande exercito, logo, é uma grande nação ! ! ! . .

P. G.

CAPITULO III

Decadencia das raças

Comparando-se o estado actual com certos povos da antiguidade, conclue-se que certas variedades tendem a um desapparecimento pela sua decadencia constante e degeneração que claramente se observa. Parece-nos que até um certo ponto é logico esse facto que tanto nos impressiona. Uma sociedade perfeita é utopia, e para que uma raça não degenere deve haver uma perfeição social. Constituida uma raça é mister que ella se conserve, isto é, que não degenere. Dentre as innumeras causas que concorrem para a decadencia e degeneração de um povo algumas ha que exercem um poder extraordinario, trazendo quasi sempre como consequencia o desapparecimento de seu typo. Essas causas podem ser divididas, de um modo geral, em dois grupos: causas extranhas e causas proprias. Dentre as primeiras destacamos a emigração; nas segundas encontramos os governos, as idéas, as intituições, as crenças, etc.

E' regra geral que nenhum povo se acha totalmente satisfeito com o governo e outras condições que influem sobre a civilisação. As formas de governo muito concorrem para a conservação de uma raça, porque o ideal de um governo deve ser a expressão dos sentimentos da alma da raça, e essa alma é o elemento unico que mantem a sua integridade. Desde o momento em que os governos sejam de modo que saibam comprehender o ideal dos povos, naturalmente o typo se prolongará por muito tempo. E' um erro muito grande se suppor que uma forma de governo por ser bôa a um paiz, deve tambem ser bôa aquelle outro. Os Estados da America do Norte foram descobertos em 1492, oito annos apenas antes do Brazil; entretanto, com o mesmo governo, é enorme, enormissima a differença existente entre os dois paizes!

O Governo monarchico, que tivemos logo após a independencia e que durou 66 annos, nada fez para a evolução do povo, e o povo não evoluindo, a nação tambem não evoluiria. Será porque a monarchia não seja uma forma de governo que preste? Não. Roma, a antiga Roma, estava nas mãos de um monarcha tyranno, e essa monarchia elevou-se ás culminancias da gloria. Spartha e Athenas tanto floresceram na antiguidade, tanto as sciencias e as artes evoluiram, tanto o povo chegou a uma socialisação quasi perfeita, que marcaram depois o periodo aureo da cultura grega

sob um governo monarchico. A França, a nobre e altiva França, patria que fazia estremecer de jubilo todo o coração francez, quando assignalando seu genio nas sciencias e nas artes, levava o seu pavilhão victorioso por toda a Europa revoltada, a França que viu nascer o Sol de Austerlitz e de Marengo sob o dominio do grande Napoleão I, representava o typo de uma raça assignalando o seu poder. A republica trouxe a evolução de nossa raça? Entretanto os Estados-Unidos não têm Governo republicano e a evolução e predominancia della não se tem observado? A forma de governo, seja ella qual for, desde que tenha sabido comprehender os sentimentos do povo, que seja patriotica e haja moralidade, é bôa, e, reunindo-se a outras condições, ajudará a evolução e não provocará a degeneração da raça. Pode-se entretanto observar o que se vae dando ultimamente na Inglaterra. As idéas modernas agitadas pelo socialismo têm embaraçado a acção do governo, e essas idéas, talvez suppondo terem chegado á perfeição, vão implantando novas doutrinas que, provocando a anarchia entre o povo e o Estado, terminarão talvez, depois de uma lucta improficua pela decadencia do povo e degeneração da raça. Um bom governo, com outras condições que citaremos depois, incontestavelmente tem grande influencia sobre a manutenção do typo historico de uma raça. Uma bôa idéa se impõe geralmente pela affirmação e pela autoridade de quem a propaga,

pois, sobre o caracter do povo muita influencia exerce aquelle que bem soube comprehender os seus sentimentos. Pensamos de accordo com Le Bon: o mesmo se observa quanto aos governos; todo e qualquer governo é muito bom, mas todos os governos não podem ser bons para o mesmo povo. Assim pois, para que o governo saiba comprehender o seu dever, é preciso que os seus representantes tenham comprehendido o caracter do povo, e, desde o momento que as instituições sejam apropriadas, muito provavelmente não se observará a decadencia.

Entre nós os governos são exactamente o contrario do que deviam ser. Em vez de se harmonizarem as instituições com a indole do povo, são ellas oppostas; os nossos legisladores bem longe de procurarem o bem estar universal (referimó-nos ao paiz), cuidam apenas do bem estar individual, que lhes constitue a lei suprema. A consequencia é vermos sempre uma divergencia entre o povo e o Estado e, como resultado disso, vemos que a nação não progride e a raça degenera; e, mesmo quando se note algum progresso, é porque o paiz tem tantas riquezas, seu solo é tão fertil, que o progresso vem quasi expontaneamente. Ao governo cumpre cuidar da raça de seu paiz evitando que desappareça o typo, como acontece entre nós, em Paraná e Santa Catharina verdadeiras colonias allemãs onde não se conhece o typo da raça latina! Paraná e Santa

Catharina não precisavam de se germanisar, pois, bem podia a emigração allemã ser aproveitada para o centro do paiz,

As idéas contribuem tambem para a degeneração de qualquer raça. Sem procurar as mais rudimentares, basta-nos a que avassalla o mundo pelo seu cortejo enorme de adeptos: a idéa igualitaria.

A igualdade não existe absolutamente, quer debaixo do ponto de vista social, quer debaixo do ponto de vista constitucional. Constitucionalmente temos a anatomia que apresenta modificações, embora diminutas, que servem para a differenciação das raças. Socialmente então, a differença è enorme! Nos individuos de uma mesma raça só existe a idéa igualitaria nos ignorantes, e podemos dizer de um modo geral que a igualdade está na razão inversa da civilisação. Poder-se-à porventura, comparar um dos grandes genios da humanidade com qualquer individuo de sua raça? Nem esse genio absolutamente se conformaria com semelhante comparação?! Entre raças differentes, haverá, porventura semelhança social entre Shakespeare e um negro de Moçambique ou Madagascar? Entretanto o socialismo que hoje agita tode o continente europeu, e já se vae propagando para a America, baseia-se na igualdade; e essa idéa está de tal modo se arraigando nos espiritos, que é quasi um paradoxo se proclamar a desigualdade. De todas as raças, a latina é a que mais acceita essas novas doutrinas. O povo

latino geralmente só cuida em igualdade. liberdade é cousa que pouco o preoccupa; de modo que tudo o que tiver escripto na frente igualdade tem acceitação quasi geral Uma idéa custa a ser acceito pelas multidões, mas, uma vez que lhes penetrou, só muito difficilmente dellas se apagará. A França, povo latino que attingiu a maior civilisação, já se sente opprimida por tão absurdas doutrinas que dominam o pensamento dos menos cultos; e as luctas constantes que existem em seu seio trar-lhe-ião provavelmente maior decadencia, si não fosse o ouro que, ampliando as forças militares, mantem ainda uma certa distancia entre o Estado e o socialismo. O parlamento francez, assim como a maior parte dos parlamentos, é theatro de comedias sociaes em que que cada grupo guiado por uma idéa absurda deseja supplantar o outro.

Ora, as idéas exercendo uma tão grande influencia sobre o povo, uma vez que sejam novas, provocam uma lucta entre os crentes e os descrentes, e o resultado será sempre o mesmo: os dois grupos vivem completamente separados sem já terem o mesmo idéal, etc. Um exemplo frisante temos diante dos nossos olhos: «Em 1870, a Allemanha, sob o dominio de Frederico Guilherme I teve suas tropas, sob o commando Geral de Bismark, vencedoras na campanha com a França Além de uma indemnisação fabulosa, e de ver a sua capital sitiada pelo exercito prussiano, os francezes tiveram de ceder á coroa da Prussia a

Alsacia e a Lorena. Preso Napoleão III e proclamada a Republica em França, as relações diplomaticas entre os dois paizes se mantiveram sem alterações que chamasse a attenção das potencias.

Ultimamente o irrequieto Imperador da Allemanha allegou uns pretensos direitos sobre o imperio de Marrocos, que é de jurisdicão franceza, exigindo um porto de mar que seria um porto militar para abastecimento da esquadra, e lhe daria entrada franca no Atlantico. Com uma esquadra poderosissima e um exercito disciplinado, era facil exigir-se qualquer cousa. O governo francez que não se descuidou de suas forças militares, reuniu sua formidavel esquadra em Toulon, ao mesmo tempo que o Kaiser passava revista á sua em Kiel.

O povo francez, patriota como todos os latinos, aproveitaria naturalmente a occasião para livrar-se da «nodoa fatal da Alsacia e da Lorena.» Entretanto esse povo que em outros tempos marchava por toda a Europa até os gelos da Russia, ameaçou o governo de uma greve geral se fosse declarada guerra a Allemanha que queria se apossar daquilo que não lhe pertencia !

A guerra é a maior calamidade dos seculos— o povo que guerreia é um povo atrazado—mas, a França tem o dever de se vingar da Allemanha, vingando ao mesmo tempo os seus filhos que morreram e os que foram expatriados !» Esses cerebros cheios de idéas novas contrarias as

intituições actuaes, trazem essa desharmonia constante entre o povo e o Estado.

A raça franceza como todas as raças latinas, é uma raça decadente. Como, porém, influem as idéas na decadencia dos povos e degeneração das raças? As idéas desde o momento que sejam contrarias ás existentes, provocam a lucta entre seus partidarios e os descrentes, a separação completa entre elles, e a decadencia resultará; quando porém essa idéa consiga ser acceita pela maior parte, levará muito tempo para que tenha completa predominancia sobre os povos, e nesse periodo então se observará a decadencia da raça.

A igualdade é utopia!... só a morte fará com que os homens sejam iguaes. As instituições exercem tambem alguma influencia sobre a evolução e sobre a degeneração das raças. Por si sò sua acção é muito pequena ou quasi nulla. Entre os inglezes e os americanos do norte, inglezes tambem, nenhuma differença existe debaixo do ponto de vista evolutivo e social. As instituições são, pode-se dizer, uma das manifestações exteriores da *alma* das raças, isto é, do sentimento de um povo; ellas derivam desse sentimento e não este dellas; logo, a influencia que ellas possam exercer sobre o povo é uma consequencia do meio, porque é bem claro o exemplo entre o Brazil e os Estados Unidos. Jà sobre as crenças o mesmo não podemos dizer que para as instituições; si o papel das instituições è secundario, o das crenças é um

dos quo mais concorre para o engrandecimento de um povo, ou sua decadencia.

Na antiguidade os Egypcios eram um povo que com suas crenças se elevou em arte, em poder, etc., como attestam sua civilisação e os monumentos por elles deixados. As cruzadas marcam uma victoria das crenças. Povos ha que ellas exercem uma acção quasi exterminadora; Portugal é um pobre paiz victima da crença religiosa: o cholera-morbus invadindo a Ilha de Madeira fez grande mortandade devido ao fanatismo religioso, que impedia a acção da hygiene. Crenças, idéas, etc., reunindo-se a outros elementos é que concorrem para a decadencia ou progresso de uma raça. Dentre as causas extranhas que concorrem para a degeneração das raças, temos a emigração, que é talvez a mais importante. Geralmente se pensa que todo paiz conta com a emigração como um bom elemento para purificar a raça. Ora, isso é simplesmente comprehender muito mal ou não querer comprehender as cousas. Si o povo francez tem a raça latina que lhe é basica, com seu typo especial, que necessidade teria de mudal-o? Si o allemão e o inglez têm o caracter anglo-saxão, que razões ha para desejarem ter um composto heterogeneo? O que devemos fazer é procurar perpetuar o typo de nossa raça, pois, desde o momento que desappareceu o typo primitivo por cruzamentos desiguaes, esse novo producto talvez seja muito differente do primitivo. Entre nós foi muito difficil, e ainda é, se

fazer uma selecção entre o povo. Tivemos a infelicidade de ser colonisados por um paiz relativamente atrazado, onde o elemento clerical predomina sobre tudo, paiz pequeno e de população defficiente. Como consequencia, houve o trafego dos africanos para se poder tentar uma colonisação. O trafego dos Negros da Africa para o Brazil foi o elemento quasi predominante na degeneração da nossa raça; e, si hoje ainda existem brancos entre nós, devemos unicamente agradecer á Inglaterra que, dizendo-se movida por piedade pelos infelizes pretos, impedia o trafego ás outras nações, deitando cruzeiros no Atlantico que ao mesmo tempo lhes protegiam o trafego para suas colonias. O governo de Spartha impedia o cruzamento com o extrangeiro, unico meio para que se perpetuasse o typo Sparthano. Assim já é absurdo, deve-se evitar o cruzamento, porém de raças muito desigual, entre typos ou variedades da mesma raça o cruzamento não é condemnavel. A emigração incontestavelmente contribue muito para o progresso, material de um paiz. Entre nós, paiz enorme, onde a população é muito misturada e excessivamente pequena, a emigração naturalmente auxiliará o progresso; mas, ella pode ser feita sem que tenha como consequencia mais tarde a degeneração da raça; seja uma emigração de um povo cujo meio, costumes e numero não sejam muito differentes e desiguaes dos nossos, porque o cruzamento se faz, sendo de povos de raças iguaes, latinas

por exemplo, o resultado, comquanto não seja igual, não é entretanto um producto muito desigual. A historia demonstra claramente que o elemento extrangeiro transforma não só a raça como tambem sua constituição. Os inglezes em todas as suas colonias têm sempre mantido a sua unidade, pois, evitam os cruzamentos com os naturaes do paiz e com os outros extrangeiros. O imperio Romano, pensa Le Bon, emquanto não foi centro de emígração, emquanto não afluiram para Roma homens de diversas raças, a alma romana mantinha-se integra, tendo todos elles os mesmos ideaes; desde porém que se deu o contacto com o extrangeiro, já se enfraquecia o seu poder militar=os cruzamentos se davam e novas especies rezultavam, em que já não existia a alma romana. E' muito pessimismo de Le Bon, pois as grandes capitaes da Europa na actualidade não têm tido essa consequencia.

Não convém que supponham que nos referimos a alma romana, como á alguma cousa sobrenatural e invisivel! E' ao caracter do povo, á sua vontade, ao seu patriotismo, tudo emfim que possa contribuir para o seu engrandecimento, é a tudo isso que chamamos a alma de uma raça. Mas, foi desse modo que Roma perdeu seu poderio, que cahio do apogeu da gloria á dissolução do imperio! Si uma raça mantiver sempre o seu typo, conservando por isso a sua alma, e si esse povo tiver a comprehensão das cousas, essa raça não

poderá enfraquecer nem a nação irá decahindo. Desse modo pensam os pessimistas, dentre elles o grande auctor da *Psychologia das multidões*; a formação das sociedades humanas, entretanto demonstra muitas vezes o contrario, e o estado actual de certos povos da Africa e da Oceania, mostra mais uma vez, que Le Bon é precipitado em algumas de suas conclusões. A França é um paiz em que se observa muito claramente a acção que o elemento extrangeiro pode ter no destino de um povo. Que seria do Brasil si não fosse a emigração, é o que se diz geralmente? ! Si a sua população fosse ainda muito menor, talvez fosse muito melhor,respondemos nòs. Como já dissemos, a colonisação que o governo portuguez adoptou para o Brazil foi a preta africana, vindo ter a esse pobre paiz mais ou menos uns dois milhões de pretos. Os senhores portuguezes, a quem o ingrato monarcha luzitano dotava as capitanias em que tinha dividido o territorio de sua nova colonia, não tinham o menor escrupulo em ter relações sexuaes com as pretas, feitas então suas escravas.

Ora, o producto desse cruzamento de um branco com uma negra africana, era um mestiço ou intermediario de raça, digamos, entre o senhor e a escrava. Dando-se tambem mais cruzamentos, esses mestiços, que já se consideravam como não iguaes aos pretos e quasi iguaes aos brancos, e sendo por estes repellidos, como não podendo entrar em sua intimidade, esses

mestiços, dizemos nós, iam odiando os brancos e esse odio ia tanto mais se accentuando quanto mais se multiplicavam as gerações, pois, como já dissemos anteriormente, as qualidades dos paes podem se transmittir aos filhos. Resultou, como sempre ha de resultar em todo e qualquer paiz e em todo e qualquer tempo, que esssa nova raça resultante do cruzamento da preta com o branco augmentando extraordinariamente, se separava por completo da raça branca, e, o paiz em que não ha communhão de idéas entre o povo, tende a decahir com esse mesmo povo. Comparemos o nosso paiz com os Estados Unidos da America. Instituições liberaes, como as desse grande Estado adoptadas por nós e pelas republicas hispano-americanas, são verdadeiros descalabros sociaes!

A republica Argentina, diz G. Le Bon, é só republica no nome; é uma olygarchia de individuos que fazem da politica um negocio. Ora, isto é o resultado de cruzamentos devidos a emigrações excessivamente desiguaes, rezultado quasi que observado somente na raça latina. Hoje nòs temos necessidade de emigração em grande escala. No estado em que se encontra a *ex-raça latina* que povôa esse paiz, é mister a intervenção do elemento extrangeiro para que se possa purifical-a. Precisamos de emigrantes que, de uma civilisação mais ou menos adeantada, venham melhorar as nossas condições; esses emigrantes não devem, porem, ser de raças muits differentes da nossa, nem

devem estar habituados a meios muito desiguaes, comquanto seja isto questão secundaria. Desse modo si se fizer uma emigração que se adapte ás nossas condições de existencia, daqui ha alguns annos, o Brazil, assim como todos os paizes que soffrem a consequencia dos cruzamentos desiguaes, poderá se erguer das cinzas de seu passado, apresentando uma nova raça composta de elementos homogeneos. Nesse ponto ha uma divergencia entre os scientistas. Querem alguns que as raças superiores caminhem para um desapparecimento, cedendo o logar ás inferiores; esses são os chamados pessimistas. Outros pensam que as inferiores é que serão elliminadas, por certas condições, o que estudaremos depois; são estes os optimistas. Como vemos, são duas opiniões extremamente oppostas e que carecem de ser elucidadas, o que faremos adeante. Assim, a emigração é um factor, segundo os pessimistas, que contribue para a degeneração de uma raça e consequentemente á decadencia do paiz, porque não se evitam os cruzamentos.

O povo inglez que reside nas Indias tem conservado os caracteres de sua raça, como tambem têm evitado, em absoluto, os cruzamentos; é esta a razão porque 50 mil homens conseguem dominar 350 milhões. Iniciada que seja a emigração de raças muito differentes, e havendo cruzamentos é mister continuar a emigração com elementos melhores afim de purifical-a, como já anteri-

ormente dissemos. Dir-nos-ão com certeza: mas então, a emigração é condemnada? Por que razão, então os governos de diversos paizes gastam sommas enormes afim de favorecel-a? Como se pode explicar semelhante contradicção? A emigração por si só seria um optimo elemento para o desenvolvimento de certos paizes. Imagine-se que, ao ser descoberto o Brazil, viessem para cá, portuguezes, hespanhóes, italianos, etc.; esses povos se uniriam naturalmente, e o seu producto necessariamente não seria um producto *desigual*.

Havendo assim predominancia de raças mais adeantadas, a importação de negros *em pequena quantidade* talvez não tivesse inconvenientes. Porém, podemos dizer que houve exactamente o contrario; o governo de Portugal tencionava fazer do Brazil a *Africa Americana*, em que os negros deviam somente trabalhar como verdadeiros animaes irracionaes.

Si ao menos tentassem dar um principio de civilisação a essa gente que não tem ainda progredido, poder-se-ia admittir, mas, sem isso, e sujeitando-a a cruzamentos, é que absolutamente nada produzia. Desde que não houvesse o cruzamento, esta raça preta, embora crescendo tambem, vivendo somente para o trabalho, estaria separada da latina, e não teriamos essa variedade que hoje temos.

Nos Estados-Unidos a emigração chineza está impedida e o parlamento americano votou uma verba especial para a expulsão de todos os chinezes. Para nós a emigração chineza teria razão de ser.

P. G.

A raça amarella se adaptando ao nosso clima, poderia ser uma forte alavanca para o progresso material. Como não progrederia o Brazil si podesse explorar os seus sertões e ter povoados os saháras do Amazonas, Matto-Grosso e Goyaz? O elemento extrangeiro ahi não prejudicaria a raça em sua *alma*. Não se effectuando os cruzamentos, essa raça não se misturaria com as outras e se submetteria á acção energica do governo. E' desse modo, repetimos, que os inglezes ainda conseguem manter a sua supremacia nas Indias, e o respeito que lhes têm os naturaes dessas terras.

Neste anno reuniu-se em Londres um Congresso Internacional, com o fim mais ou menos, de uma harmonisação das raças. Talvez seja influencia do meio, mas, parece-nos, que esse congresso e os que se lhes seguirem darão tanto rezultado, quanto as outras variedades de congresso que temos visto! Entretanto, o governo do Brazil enviou um representante, o qual apresentou substancioso relatorio, tratando do elemento mestiço entre nós—«Importado da Africa para o Brazil, o preto era tratado como um animal qualquer, isto é, como si fosse peior que os cães. Havendo relações sexuaes entre o branco e o preto, resultou um producto completamente differente dos dois: *o mestiço*. Esse producto novo, conseguindo augmentar, tem trazido embaraços ao progresso do Brazil. Actualmente a sua população offerece um aspecto inteiramente desigual, pela excessiva variedade em

seus habitantes; não sendo o producto do cruzamento do branco com o mestiço um producto fixo, a população vae cada vez se differenciando mais, pois, o mestiço geralmente procura o branco para se casar. Isso, entretanto, continuando por mais alguns annos, estará por completo abolida a raça mestiça no Brazil, auxiliando a isso uma bôa emigração; desse modo teremos uma raça verdadeiramente européa, rezultante do cruzamento do sangue portuguez com italianos, allemães, inglezes, etc. Em conclusão o nosso delegado diz: «1.º O mestiço, produzido pela união sexual do branco com o negro, não constitue uma raça verdadeira, pois, além de não ter um typo, apresenta tendencias a voltar a uma das raças primitivas. 2.º A importação em vasta escala da raça negra para o Brazil, exerceu uma influencia nefasta no progresso do paiz; retardou por muito tempo seu progresso material. 3.º A crescente emigração dos povos da raça branca e a selecção sexual cooperarão para o desapparecimento dos mestiços. 4.º Ao Brazil está reservado um futuro brilhante; será o ponto em que virá rejuvenescer a raça latina, como os Estados-Unidos são para a Anglo-saxonia.» Vemos, então, que certas raças, especialmente a latina, estão em um periodo decadente, mais se accentuando as nações da America. Ella com certeza se erguerá desse torpor em que tem permanecido, e seu vasto territorio talvez mais tarde venha a ser habitado por povos que comprehenderão melhor os seus deveres! . .. .

CAPITULO IV

Meios de purificar as raças

Resta-nos ainda esclarecer um ponto a que anteriormente nos referimos: qual deve ser a doutrina a seguir sobre o resultado de raças differentes em contacto uma com outra, sujeitas aos cruzamentos? Desapparece alguma dellas ou, pelo contrario, resultará um producto purificado? Como já dissemos, ha duas opiniões nesse sentido: a dos optimistas e a dos pessimistas. Os primeiros pensam que as raças inferiores serão subjugadas pela branca, a qual fará com que ellas desappareçam; os pessimistas julgam o contrario. Em primeiro logar, digamos o que são raças inferiores e raças superiores. Depois do que temos dito, parece contradictorio chamar-se esta ou aquella raça de superior ou inferior, pois, si todas ellas derivam de um tronco unico são, *ipso facto*, semelhantes. Entretanto, segundo a opinião que adoptamos em nosso primeiro capitulo, todas as raças,

independente de uma origem commum, se modificaram e suas civilisações se differenciaram dando o resultado que hoje observamos. As raças européas que actualmente chegam a uma civilisação elevadissima, constituem, para nos, as raças superiores; logo, poderemos chamar raças de civilisação superior e raças de civilisação inferior. Essa idéa é lembrada por Novicow. Não nos parece bôa essa denominação; os chinezes que são considerados como povos inferiores, e com elles todos os amarellos, tem uma civilisação já adeantada. Muito longe se vão os tempos em que os filhos do Celeste Imperio eram olhados como feras humanas; hoje, não só a archeologia como os factos dizem o contrario do que até então suppunhamos. Actualmente o Grande Imperio do Oriente passa por uma revolução em que se pretende implantar o regimen republicano, e, em logar do que se esperava, o povo chinez respeita os direitos dos extrangeiros, garantindo-lhes a vida, propriedades, etc. Na guerra Russo-Japoneza os nipponicos deram provas de uma civilisação tão deantada quanto a européa. O corpo de saude do exercito japonez é melhor do que os da Europa; seu exercito não teme exercito de potencia alguma *civilisada*; e, as industrias no Japão estão attingindo a um gráo tão elevado, que, talvez bem cedo estejam superiores ás europeas. Será melhor que designemos os povos pelas suas raças e não pela sua civilisação, comquanto a raça negra mereça o qualificativo de inferior.

Como se pode purificar uma raça? Aquelles que pensam que as raças *superiores* predominarão sobre as inferiores, os optimistas, dão innumeros factores como podendo auxiliar a purificação: o *amor* é um dos grandes elementos purificadores das raças. A mulher preta ou india com a maior facilidade se entrega ao branco, tendo as primeiras uma certa repugnancia aos seus irmãos; os cruzamentos desiguaes são sempre entre o branco e a amarella ou preta, ou entre o amarello e a preta. Muito mais difficilmnte se encontra o cruzamento de uma branca com um preto. Conclue-se que o homem desce até a mulher, mas, esta raramente desce ao homem! Ora, entre nós já vamos observando uma selecção pelo amor; desapparecendo pouco a pouco o resto do elemento africano que ainda existe, as mestiças, que resultaram do cruzamento do branco com as pretas, ou mais raramente das brancas com os pretos, procuram, de accordo com o que anteriormente dissemos, os brancos que sempre descem até ellas. O producto já será superior ao mestiço, mas, ainda inferior ao branco, e assim em gerações successivas dar-se-á o desapparecimento das raças *inferiores*. Quatrefages escreve o seguinte: «Nos cruzamentos entre raças desiguaes, o pae pertence quasi sempre á raça superior. Por toda a parte, principalmente em ligações passageiras, a mulher tem repugnancia em descer; o homem, porém, é menos delicado . . . A negra e a india

facilmente se cruzam com o branco; a mestiça orgulhosa do sangue paterno, julgaria descer entregando-se ao um individuo de côr e reserva todos os favores para aquelles de quem se sente proxima pelo cruzamento. O mesmo se dá com as filhas de mulatas e brancos, que procuram unir-se principalmente com os brancos». Casos ha em que se observa o contrario; o mestiço muitas vezes chega até a casar-se com mulheres brancas; mesmo assim, o que, já dissemos, é mais raro, a selecção se dará, havendo somente um desvio da regra geral. Os pessimistas julgam que a selecção se faz sempre em sentido inverso; os amarellos e os pretos viriam em ondas invadindo a Europa inteira e a raça branca, em contacto com ellas, desappareceria. Um outro agente purificador das raças. comquanto de pouca importancia, é a *Morte*. A experiencia tem demonstrado que a mortandade é maior nas classes inferiores, pois, não tendo os recursos que as outras têm, mas facilmente contrahem as infecções, não só por falta de hygiene, como por falta de recursos pecuniarios.

Nos Estados-Unidos a mortandade nos pretos é 50 por cento maior do que nos brancos: em Berlim é de 35 para os pobres e 5,5 para os ricos. Assim observamos em todos os grandes centros onde ha verdadeira luta pela vida e onde a miseria existe em grande escala.

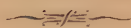
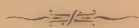
Para que, entretanto, se possa obter a purificação de uma raça pela morte, é mistér que se

trate de um pequeno numero de um povo inferior, junto a um grande numero superior.

Assim, sendo as «raças inferiores» de maior mortandade que as superiores, e não havendo cruzamento, com mais facilidade se purificará. Comtudo a experiencia tem demonstrado, principalmente em nosso meio, que os africanos vivem cem e mais annos, o que é raro se encontrar nos naturaes do paiz. A raça amarella considerada como raça inferior, tambem não tende a desapparecer. De todos os elementos purificadores das raças, a emigração é, incontestavelmente, o que tem maior importancia e merece mais attenção. Não resta duvida, e é até um certo ponto racional, que ella tenha uma influencia poderosa sobre os destinos do povo, concorrendo para o seu engrandecimento purificando-o, ou para a sua decadencia devido aos cruzamentos em extremos desiguaes. E' exactamente nesse periodo em que mais se accentúa a decadencia de uma raça. Emquanto os novos povos que emigraram se habituam aos nossos costumes, leis, etc., não ha harmonia em idéas, haverá sempre uma desunião entre os naturaes do paiz e os estrangeiros. Pouco e pouco se habituando a sua nova patria elles irão se approximando então para se cruzarem. Durante todo este tempo que medeia da vinda dessa corrente emigratoria até que se obtenha um novo producto purificado, periodo demasiadamente longo, haverá uma divergencia total entre os habitantes do paiz em que isso se dê, trazendo em consequencia

a decadencia do povo pela degeneração da raça. E' esse o periodo critico de uma raça.

Ja temos nos referido a este assumpto, e tornamos mais uma vez a esclarecel-o. Pode se obter a purificação de uma raça por grandes correntes emigratorias, mas é preciso que se saiba comprehender essa emigração. Não é, como se observa actualmente entre nós, com pequena quantidade de mendigos estrangeiros, homens que ainda mesmo sendo brancos, causam certa repugnancia ao preto, e sim com elementos melhores. E' necessario que os governos favoreçam aos estrangeiros que se dirigem para seus paizes, de sorte que não venham somente homens que tenham sido tangidos pela fome! Que rezultado se tiraria si, havendo emigração, não houvesse cruzamento, no caso de se querer purificar uma raça? nehum! . . . ora, como a emigração a que nos referimos visa unicemente melhorar a raça, é necessario que haja cruzamentos entre os emigrantes e os naturaes desse paiz. Desse modo as grandes correntes emigratorias trazem um beneficio á raça e ao paiz. As pequenas emigrações, não nos parece terem grande acção purificadora sobre as raças; cremos que mais facilmente pode se chegar a um melhor rezultado favorecendo as grandes emigrações. Entre nós tudo anda sempre ao contrario; as emigrações nunca são bem feitas; ha cidades como Blumenau, centro de emigração alleman, onde não se cogita de melhorar a raça e sim de predominar o typo

Anglo-Saxonio, em que até nas escolas se ensina ás creanças em allemão. Ora, a emigração de um povo da raça germanica, poderia ser proveitosa, se não houvesse este desleixo da parte dos governos, em consentir que em territorio coberto pelo Pavilhão Brazileiro não se ensinasse a seus filhos o nome de sua Patria! O que se observa actualmente no sul do Brazil em Paraná e Santa Catharina, é pura e simplesmente a germanisação de Estados brazileiros; e assim como São Paulo, onde existe ainda o sangue brazileiro, já disse que bem podia se constituir um Estado independente, Paraná e Santa Catharina, no dia em que se germanisarem por completo, revoltar-se ao contra as leis desse pobre Brazil, indo collocar-se provavelmente sob as azas protectoras da «Aguia Preta»!

CAPITULO V

Que serão as raças do futuro?

E' na verdade uma pergunta muito difficil de se responder, ou talvez mesmo impossivel!

Que serão as raças do futuro?!..., Quem poderá sabel-o?!...

A questão resume-se no seguinte: a raça branca será ou não predominante no futuro? Em caso negativo, qual será a raça que dominará o mundo?

A grande população do Imperio Chinez, traz a Europa com suas vistas voltadas para o Oriente. Crêm os pessimistas que a raça amarella virá a dominar a Europa e consequentemente o mundo. O *velho mundo,* podemos dizer, é o centro da civilisação actual; desde o momento que passe a dominal-o uma outra raça, necessariamente será essa a dominadora de sua civilisação; e como, dominada a Europa, facilmente sel-o-ão os outros continentes, pensamos que basta tratar-mos da Europa sem prejuizo da demonstração.

A China conquistará a Europa pela força, e

conquistada esta, a raça branca irá desapparecendo não só pelas grandes emigrações de europeus, como por imigrações de chinezes; Faguet assevera-o como provavel. A conquista da Europa pela força è um absurdo! Ora, em tempo de guerra os exercitos europeus sobem a 25 milhões de homens, numero que corresponde ao do exercito chinez, segundo estatisticas muito favoraveis. Colligada a China com o Japão, Indias e toda a Africa, teria um exercito formidavel; as Americas, prevendo os perigos que naturalmente lhes viriam dessa mudança completa no Velho Mundo, mandariam seus exercitos ao encontro do inimigo commum. Teriamos soldados sem disciplina, contra um grande exercito com a melhor organisação possivel, alem de uma formidavel esquadra que bloqueiaria todos os principaes portos inimigos; a desproporção é enorme!

Dada a hypothese do exercito chinez colligado, conseguir chegar a Europa, teriam então que guarnecer as capitaes, as grandes cidades e os portos militares com soldados seus, e necessitariam de ter em suas terras forças numerosas para defeza do territorio. Quantas dezenas de milhões de homens não seriam precisos?

Por este lado não ha razão de ser—ainda mais, a Europa tem uma esquadra tão grande, que abafaria immediatamente qualquer levante dos amarellos e dos pretos. E onde encontrariam elles dinheiro para poderem resistir a tudo isto?!

Exercito tão grande precisaria pelo menos de uns 8 billhões de francos annualmente para ser mantido; um outro tanto para uma esquadra capaz de destruir as esquadras européas e americanas e o dobro de tudo isto para preparos, etc. Semelhante somma não se acha assim nem a China possue.

Supponhamos, entretanto, que os inimigos dos brancos, têm um exercito disciplinado, esquadra muito bôa e muito dinheiro; para que elles podessem chegar a esse estado, seria preciso um certo tempo, e, durante esse tempo, a Europa e as Americas ficariam de braços cruzados? Não—não é provavel; por esse lado a raça branca não poderá temer a raça amarella e a preta.

Por meio de grandes emigrações a raça amarella poderá predominar na Europa? A China conta actualmente 400 milhões para mais de habitantes, e o Japão 60 milhões. Ora, o numero de brancos é maior, pois, a Europa e as Americas contam mais de 600 milhões. Segundo Le Bon, duas raças em contacto, uma com a outra, a inferior leva vantagem; nesse caso, a raça branca uma vez misturada com a amarella desappareceria; mas, como poderia se dar essa mistura? Ou os chinezes abandonariam o seu territorio, e viriam com os negros se estabelecer na Europa e Americas, deixando, por esse facto, despovoados os grandes imperios do Oriente, ou então viriam em parte. Supponhamos que veio somente uma parte de amarellos e pretos, 300 milhões por exemplo;

calculemos 100 francos de despezas para cada pessoa (o que seria absolutamente impossivel) e teremos que precisariam de 30 billiões de francos para o transporte!! Onde buscarem esse dinheiro?

Calculemos mesmo que tivessem dinheiro para o transporte, e que chegasse á Europa uma quantidade consideravel de milhões de amarellos e pretos; teriam elles de se habituar aos climas variados da Europa, o que lhes trazia grande mortandade, ao passo que os europeus iriam sempre augmentando de numero. Ainda mais, uma selecção ir-se-ia dando, pois, os europeus seriam attrahidos pelas bellezas das formozas *geishas,* as quaes se approximariam naturalmente do branco, e um cruzamento nessas condições dava um producto purificado.

Admittamos que a China, que é o paiz que representa o perigo para o futuro, tenha uma superpopulação; sendo assim, crescendo desse modo o numero de amarellos naturalmente será para receiarmos; mas somente os amarellos augmentarão? Os brancos ficarão sempre no que estão? Nada nos leva a acredital-o. Calculam alguns scientistas que a população do Celeste Imperio augmenta 2 por cento cada anno, de sorte que de cincoenta em cincoenta annos ella duplicaria. Isso é um absurdo; é cousa que absolutamente não se observa.

Querem que a prolificuidade seja caracteristica dos amarellos, especialmente dos chinezes, isto é, que a prolificuidade seja maior nos chinezes do que em outro qualquer povo.

O numero de nascimentos dos amarellos é maior do que nos outros, mas tambem a mortandade na China é muito maior do que nos paizes da Europa; a proporção é, mais ou menos, de 3 para 2.

Ora, calculemos 3 milhões annuaes de nascimentos para os amarellos e os pretos, e 2 milhões para os brancos; a mortandade seria mais ou menos, para os primeiros, de 1.800.000, e para os brancos de 1.200.000, tudo isto em hypothese; logo, a differença seria muito pequena, e não se poderia pensar no desapparecimento do branco com semelhante estatistica, que assim mesmo ainda é absurda.

Crescendo as populações, a branca desapparecerá por não poder se adaptar aos outros climas? A Europa está na verdade com uma grande população; relativamente pequena, a sua população talvez um dia tenha de procurar outra morada. Sò as Americas, especialmente o Brazil, offerecem espaço para centenas de milhões de homens; e quando mesmo já estivessem cheias as Americas e a Russia, a Africa Central não offerece um clima compativel com os Europeus? E si os amarellos e os pretos podem se habituar á vida na Europa e Americas por elles invadidas, é logico que os Europeus e Americanos se habituarão á vida nos outros continentes.

Qual será então a raça que virá dominar o mundo?

P. G.

Não podemos determinar. Si o planeta em que habitamos existir ainda depois de muitos milhões de seculos mais, haverá necessariamente uma superpopulação; é cousa logica em que não podemos deixar de acreditar. Os habitantes irão augmentando, até chegarem ao numero maximo que possa supportar a terra; acharão talvez absurda essa idéa, entretanto, é extremamente logica—a Terra é limitada, e, como tudo que é limitado, pode ser completada pelo que é illimitado; em outras palavras: desde que a população da Terra augmenta, diminue necessariamente o espaço não habitado; ora, esse augmento se dando sempre, cada vez irá sendo menor o espaço não habitado, e essa diminuição sendo constante chegará uma epoca em que não mais existirá espaço algum a habitar.

Pode entretanto ser que haja um cataclysma qualquer que diminua consideravelmente o numero de habitantes, quando for assumindo taes proporções; isso entretanto não ha probabilidades.

Ora, os povos têm levado em guerras constantes desde a antiguidade; não ha uma união entre elles. Em nossos dias temos exemplos verdadeiramente frizantes: A Allemanha, visinha da França, inimigas acerrimas, só esperam uma bôa occasião para uma destruir a outra; a Argentina, nossa visinha, não nos poupará no dia em que possuir uma esquadra e um exercito capazes de nos baterem em uma campanha; a Italia, sem razão alguma, declara guerra á Turquia e se apodera de

um territorio que não lhe pertencia; a Inglaterra conscia do poder de sua formidavel esquadra, já pretende annexar o Egypto ao seu Imperio; o Chile e o Perú por questões de pequenos territorios estão prestes a se declarar em guerra; a China debate-se em meio de grande revolução, onde ha morticinios consideraveis! Não é possivel desse modo haver união de raças, e o futuro nesse caso é indecifravel.

Predominancia de uma raça sobre outra não existe, pois, na China o Europeu não è superior a um chinez! A evolução de qualquer povo não obedece a uma lei pela qual se podesse avaliar o futuro. Uma cousa poder-se-ia prever: os homens do futuro serão homens fracos, de vida curta, verdadeiras atrophias physicas, comparados com os da actualidade; assim mesmo, as sciencias que tanto têm progredido acharão um meio de exterminar a tuberculose, syphillis e paludismo; e já os futuros habitantes terão essa vantagem sobre nós.

Haverá probabilidades de não terem as raças de hoje representantes no futuro? Como raças *historicas* as actuaes desapparecerão por completo da velho planeta? A posteridade terá povos differentes dos da actualidade? Haverá então maior ou menor numero de raças do que temos hoje?

Queremos crer que maior. A humanidade cada vez é mais imperfeita; os povos separar-se-ão como si a vida lhes fosse impossivel junto um ao outro. Si a raça branca conseguir penetrar na Africa e ahi

ter uma certa expansão, talvez a *pelle branca* tenha alguma influencia na posteridade. Podemos pensar que a raça negra nunca se extinguirá? Demos a hypothese de homens brancos em grande quantidade habitarem a Africa em meio dos negros; é crivel que os europeus procurem as mulheres africanas deixando as européas? Não; que dez, vinte, trinta façam concorda-se, mas, a maior parte, não.

Entretanto a selecção a que antes nos referimos? Parece na verdade contradictorio, porèm a selecção em parte admitte-se, mas na generalidade é absurdo. Nesse caso, a raça negra permanecerá? Quem nos garante? Probabilidades nenhumas, nem para os pretos, nem para os brancos. Não havendo então essa união das raças que traria em rezultado um cruzamento, que se poderá prever? Mentalmente os homens do futuro talvez sejam superiores a nós, e necessariamente a mulher branca não procurará se unir ao amarello ou ao preto, e o proprio homem talvez regeitasse. Nesse caso as pelles branca, preta e amarella existirão no futuro si não houver condições de meio que as venham modificar? E' um outro problema!

Parece que sim, si não houver, como acima dissemos, uma condição de meio qualquer, que venha modificar a pigmentação da pelle. Si ha povos, como o latino, que não se separam dos outros, existem entretanto alguns, como os anglo-saxões, que não se cruzam com os negros e amarellos.

Assim, as raças terão sempre seus representantes, devido a não haver uma união entre ellas. Vemos então que por certas condições, parece que as raças todas se fundirão e constituirão uma unica, a branca, tendo innumeros ramos; outras, entretanto, nos levam a crer que não haverá tal fusão, e sim que as raças preta, amarella e branca existirão no futuro, havendo maior numero de ramos; finalmente, segundo pensam os pessimistas, a amarella dominará a branca um certo tempo, sendo depois dominada pela preta, a qual será então a unica raça a existir. Confessamos que não sabemos o que responder, depois dos diversos problemas a que nos temos referido. Os diversos ramos das raças talvez tenham desapparecido no futuro para dar logar a outras, mas os troncos principaes, quem sabe si até lá não existirão?!

Crer-se na fusão de todas as raças em uma só, parece-nos que só um novo producto poderia ser admissivel. Supponhamos reunidos, isto é, mais approximados com os progressos da civilisação, os habitantes do mundo, calculados em 600 milhões de brancos, 800 milhões de amarellos e 300 milhões de pretos. Sendo o augmento da população amarella maior do que o da branca, e este maior do que da preta, tomemos como média de augmento annualmente: 1 por cento para os amarellos, 5 para 600 para os brancos e meio por cento para os pretos; no fim de um anno temos os brancos elevados a 605 milhões, os amarellos a

808 milhões e os pretos a 301 e meio milhões. Favoreçamos os cruzamentos, e demos uma mistura de 100 milhões de amarellos e pretos: a média tirada para elles das medias dos pretos e dos amarellos é, nesse caso, de 0,75 por cento; logo, teremos tambem nesse anno um novo producto, representado por individuos intermediarios de raças dos pretos e amarellos, de 750 mil homens.

O amarello procuraria tambem o branco, e os homens brancos procurariam as *geishas* encantados por sua formusura. Ora, ahi já seria o homem a descer, e por isso, o cruzamento seria em maior escala; demos portanto 200 milhões de brancos e amarellos a se cruzarem. A media para os cruzamentos, si tirarmos das dos brancos e dos amarellos, é de 11 para 1200, o que nos dará 1.825.000 homens, intermediarios entre o branco e o amarello; e dando apenas para os pretos, cruzando-se com os brancos, 50 milhões, temos nas mesmas condições 333.333 homens mestiços, iguaes aos que enchem o Brazil!

Isto se reproduzindo durante um certo tempo temos: o homem ou a mulher que resultou do branco com o preto, mestiço, cuja psychologia é interessante, tende a se cruzar ou com o branco, ou com o preto. Cruzando-se com os brancos, o rezultado já é nascer um individuo superior ao mestiço e inferior ainda ao branco; si se cruzar com os pretos, irá se approximando do preto; a experiencia demonstra que os mestiços não gostam

de cruzamentos com mestiços. Esses que nasceram de mestiços com brancos, cruzando-se com esses ultimos, darão um producto quasi igual ao branco; com os mestiços, *o que é raro*, darão um novo producto entre elles e os mestiços e assim por diante. Os que nasceram do cruzamento do preto com esse novo producto intermediario do mestiço com o preto, já irão se approximando mais do preto, de sorte que depois de um certo tempo, desapparecem algumas gerações voltando aos troncos primitivos.

Isso nos prova que muito provavelmente as raças do futuro terão typos variados mas obedecendo ainda aos troncos principaes de nossos tempos. Contrariamente ao que dizem muitos scientistas, pensamos que as raças se manterão sempre em equilibrio de existencia, sendo que a amarella manterá o equilibrio mundial. O preto ha de existir sempre como existirá o amarello e o branco. O Japão e a China que actualmente assombram o mundo civilisado, talvez tenham preponderancia na civilisação futura, mas nunca farão com que desappareça a raça branca. O perigo amarello de que se julgam ameaçadas as nações européas, é uma phantasia!

Para o futuro a China fará resurgir a sua antiga civilisação e reunir-se-á ás grandes potencias em que predominam as artes, as sciencias, os costumes elevados, etc., e no dia em que desapparecerem as tres grandes raças da actualidade, é por que a Terra tambem deixou de existir.

PROPOSIÇÕES

P. G.

PROPOSIÇÕES

Anatomia descriptiva

I—A cabeça se compõe de duas parte: craneo e face.

II—Sua conformação exterior é muito variavel

III—Por ella têm se feito classificações anthropologicas.

Historia Natural

I—Os simianos são mamiferos entherianos da ordem dos primatas.

II—Por transformações successivas elles chegaram ao homem.

III—O intermediario entre elles e o homem é o *pithecanthropus erectus*.

Chimica Medica

I—O pigmento da pelle se encontra nas cellulas do corpo muquoso de Malpighi.

II—Elle se apresenta em granulações carregadas e tem o nome de *melanina*.

III—Nos negros elle é muito abundante.

Histologia

I—A cellula tem como elementos essenciaes, protoplasma e nucleo.

II—Desse modo, ella não parece ser um elemento.

III—O verdadeiro *organismo* elementar é a *monera primitiva.*

Physiologia

I—A digestão, circulação, etc., são funcções physiologicas.

II—Nos anthropoides ellas são semelhantes ás do homem.

III—A physiologia comparada estuda a relação existente entre ellas.

Bacteriologia

I—O cholera asiatico é produzido pelo *bacillus virgula.*

II—Esse bacillus ataca todas as raças.

III—De todas, a mais sensivel é a branca

Pharmacologia, Materia Medica e Arte de Formular

I—Certos medicamentos têm uma acção muito variada.

II—Conforme a *via* por que são administrados ella, ás vezes, é opposta.

III—O ether offerece um exemplo typico.

Pathologia Medica

I—A febre amarella é uma molestia tropical.

II—A immunidade das raças está na razão directa da pigmentação da pelle.

III—A febre amarella é muito commum na raça branca

Anatomia e Physiologia Pathologicas

I—A hypertrophia é um processo morbido activo.

II—Ella consiste no augmento dos elementos ou de seu numero.

III—Ella é muitas vezes providencial.

Pathologia cirurgica

I—Geralmente a pelle é a séde das queimaduras.

II—Quanto mais delicada fôr a pelle mais sensivel é ás queimaduras.

III—Os brancos são mais sensiveis.

Operações e apparelhos

I—A laparotomia é uma operação.

II—Ella consiste na abertura do abdomen.

III—Multiplos são os processos para as laparotomias.

Anatomia Topographica

I—A região occipto-frontal está situada na cabeça.

II—Sua forma depende da forma desta.

III—Ella é muito differente em certas raças.

Therapeutica

I—O opio é um somnifero.

P. G.

II—Seus effeitos são identicos aos da morphina.

III—Elle constitue a infelicidade dos chinezes.

Hygiene

I—A Hygiene é a sciencia da humanidade.

II—Geralmente a hygiene está na razão directa da civilisação.

III—Entre nós, infelizmente, a hygiene ainda é um problema !

Medicina Legal

I—Pela cabeça, diz Lombroso, pode-se dizer si os homens tendem aos crimes.

II—As anomalias têm um valor importante.

III—Pela frequencia das anomalias do craneo, talvez se possa diagnosticar a natureza do crime.

Clinica dermatologica e syphilligraphica

I—O eczema é uma affecção cutanea.

II—Elle pode ser agudo ou chronico.

III—Sua therapeutica varia conforme a região.

Clinica propedeutica

I—A auscultação é um processo propedeutico.

II—Ella pode ser cardiaca, pulmonar e *fœtal.*

III—A sthetoscopia obstetrica é de um valor inestimavel.

Clinica ophtalmologica

I—A conjunctivite é a inflammação das conjunctivas.

II—Ella pode ter innumeras causas.

III—O *gonococcus de Neisser* é que a produz, muitas vezes.

Clinica Cirurgica (2.ª cadeira)

I—A anesthesia local é empregada em cirurgia.

II—Ella se faz nas operações insignificantes.

III—O ether é um bom anesthesico local.

Clinica Cirurgica (1.ª cadeira)

I—A anesthesia geral é usada nas operações.

II—Geralmente se usa a chloroformisação.

III—A etherisação é algumas vezes utilizada.

Clinica Pediatrica

I—As creanças são muito sujeitas ás molestias.

II—A resistencia de seu organismo é pequena.

III—Segundo Koch, o sangue dos meninos negros tem hematozoarios.

Clinica Medica (2.ª cadeira)

I—O impaludismo se transmitte pelos mosquitos.

II—Suas manifestações são extremamente variaveis.

III—Ha casos em que seu diagnostico é muito difficil.

Clinica psychiatrica e de molestias nervosas

I—A raça caucasea é a de preferencia atacada pela thabes.

II—As raças inferiores são mais refractarias.

III—Nos judeus rarissimo é o thabetico.

Clinica Medica (1.ª cadeira)

I—A molestia do somno ataca a raca africana.

II—Muito raramente ataca as raças européas.

III—Manson foi o primeiro que observou uma doente européa dessa molestia.

Clinica Obstetrica e Gynecologica

I—O delivramento é a expulsão da placenta e seus annexos.

II—Elle pode ser expontaneo, natural e artificial.

III—No delivramento podem-se se dar complicações de extrema gravidade.

Obstetricia

I—A bacia apresenta differenças em algumas raças.

II—Comquanto diminutas, essas differenças se observam na mongolica, negra e arya.

III—Nessas raças ella tem capacidade menor, é menos profunda e a arcada pubiana é mais larga.

Visto.

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia, 31 de Outubro de 1911.

O SECRETARIO,

Dr. Menandro dos Reis Meirelles